

**UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ**

**JOÃO GILBERTO SOLANO**

**UMA EXPERIÊNCIA, VÁRIAS HISTÓRIAS: IDENTIDADE CULTURAL NO  
FENÔMENO *DEKASSEGUI* NAS CIDADES DE CURITIBA E FAZENDA  
RIO GRANDE (1980-1990)**

**CURITIBA**

**2016**

**JOÃO GILBERTO SOLANO**

**UMA EXPERIÊNCIA, VÁRIAS HISTÓRIAS: IDENTIDADE CULTURAL NO  
FENÔMENO *DEKASSEGUI* NAS CIDADES DE CURITIBA E FAZENDA  
RIO GRANDE (1980-1990)**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Liz Andréa Dalfré

**CURITIBA**

**2016**

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos àqueles que possuem algum interesse na história da imigração japonesa ao Brasil, pois, não fosse minha paixão por este tema, dificilmente concluiria esta monografia, ainda que a partir dela possam ser desenvolvidas outras pesquisas. Também dedico á todos os alunos oriundos de escolas públicas brasileiras bem como aqueles que foram alvo de políticas inclusivas em termos sociais ou étnicos, pois tenho a consciência de que a educação da humanidade constitua o melhor caminho para sua emancipação sobre problemas que, em virtude da sua complexidade, fujam da compreensão imediata e, portanto, representam a limitação da alma humana.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, às políticas de inclusão social promovidas pelo governo federal por meio da Lei nº. 11.096, de 13 de janeiro de 2005, sem a qual, dificilmente possibilitaria meu ingresso à Universidade. Em segundo lugar, gostaria de expressar minha gratidão aos colegas que, no transcorrer do curso, me ajudaram e proporcionaram meu crescimento tanto intelectual como pessoal, em especial, aos amigos Natan Alves Davi e Jeverson Maschio Kinceler. Também sou grato ao corpo docente do curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná pela sua competência e desejo em ver seus alunos alcançarem o sucesso, além dos colaboradores da instituição de uma maneira geral. Sinto especial gratidão às professoras Wilma de Lara Bueno, Viviane Maria Zeni e Liz Andrea Dalfre, esta última, pela sua orientação na elaboração deste trabalho.

“Sob as amendoiras em flor  
agita-se e ferve  
a humanidade”

Matsuo Bashô

## RESUMO

Este trabalho trata do processo de imigração japonesa para o Brasil e do deslocamento dos imigrantes dentro do país bem como da relação que eles estabeleceram com os brasileiros. Também aborda a cultura e identidade dos imigrantes e seus descendentes por meio da exposição de elementos na mídia, eventos culturais e o fenômeno *dekassegui* nas cidades de Curitiba e Fazenda Rio Grande entre as décadas de 1980 e 1990. O estudo surgiu do interesse em investigar a presença dos imigrantes japoneses no Brasil e o impacto gerado pelas relações culturais entre os países, tendo em vista que, como consequência do processo migratório, ocorreu o fenômeno *dekassegui*, o qual é pouco explorado pela historiografia brasileira. Pretende-se mostrar como ocorreu a imigração japonesa no Brasil, suas consequências e desdobramentos na sociedade brasileira e o impacto que o fenômeno *dekassegui* teve naqueles que participaram desta experiência. Foram analisadas bibliografias que versam sobre a História do Brasil e dos imigrantes, com ênfase nos japoneses, também foram consultadas leis e decretos relativos à presença de estrangeiros no Brasil e sítios da internet relacionados com o tema, foi realizada também uma entrevista com o Sr. Márcio Yukio Nitta, na qual foram exploradas perguntas sobre sua experiência *dekassegui*. A leitura da bibliografia, associada a questões teóricas sobre conceitos como identidade e cultura, permitiu identificar, por exemplo, elementos de tensão no processo migratório japonês e de que maneira a sociedade brasileira reagiu à presença destes estrangeiros. Também foi possível analisar pontos na entrevista em que o entrevistado revela sua experiência *dekassegui*, aspectos de sua identidade e quais elementos ele absorveu da cultura japonesa.

Palavras-chave: Imigração, japoneses, Dekassegui, identidade, cultura.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2</b>	<b>OS JAPONESES NO BRASIL.....</b>	<b>13</b>
2.1	CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL.....	13
2.2	A MÍDIA DE ENTRETENIMENTO NO BRASIL E A DIFUSÃO CULTURAL DO JAPÃO NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.....	19
<b>3</b>	<b>TRADIÇÕES CULTURAIS E A EXPERIÊNCIA “DEKASSEGUI” ENTRE OS DESCENDENTES DE JAPONESES EM CURITIBA E FAZENDA RIO GRANDE NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990 .....</b>	<b>22</b>
3.1	OS JAPONESES NO PARANÁ.....	22
3.1.1	Descendência nipônica em Fazenda Rio Grande .....	26
3.1.2	Sobre o uso da fonte oral neste trabalho.....	27
3.2	EXPERIÊNCIAS <i>DEKASSEGUIS</i> .....	33
3.3	A IDENTIDADE ENTRE OS <i>SANSEIS</i> .....	37
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
	<b>FONTES.....</b>	<b>43</b>
	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>44</b>
	<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>46</b>
	<b>ANEXO .....</b>	<b>47</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho será abordado o processo de imigração japonesa para o Brasil e o deslocamento dos imigrantes dentro do país bem como a relação que eles estabeleceram com os brasileiros, sua cultura e identidade por meio da exposição de elementos na mídia, eventos culturais e, principalmente, o fenômeno *dekassegui*<sup>1</sup> nas cidades de Curitiba e Fazenda Rio Grande entre as décadas de 1980 e 1990<sup>2</sup>.

É possível problematizar, a partir do processo de imigração japonesa, a questão da identidade de ser japonês ou estrangeiro numa terra em que pouco se conhece da cultura. Nesse sentido, tanto os primeiros imigrantes japoneses quanto os descendentes que voltaram ao Japão nas décadas de 1980 e 1990, porém já inseridos na cultura e identidade brasileira, adquirem características comuns destes processos, como por exemplo, a dificuldade com o idioma, adaptação ao mundo social, discriminações em geral e etc.<sup>3</sup>. As implicações do contato entre duas identidades culturais distantes, conforme o argumento que Stuart Hall considera:

“é que, na verdade, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (*Englishness*) veio a ser representada — como um conjunto de significados — pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos — um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional<sup>4</sup>”.

---

<sup>1</sup> *Dekassegui*: São trabalhadores migrantes, é um termo japonês que designa o trabalhador estrangeiro que vive no Japão In: FRÉDERIC, Louis. O Japão: Dicionário e civilização / Louis Frédéric; tradução Álvaro David Hwang; revisão técnica Jorge Júnior do Prado e Jussara Kazue Ichioka. – São Paulo, 2008. ISBN: 978-85-250-4616-1. p 220. O fenômeno ou movimento *dekassegui* teve início com a grande quantidade de imigrantes que viram no Japão uma oportunidade de crescimento econômico em meados da década de 1980 e início da década de 1990, os descendentes nipônicos brasileiros, ou *nikkey*, até segunda geração, ganharam benefícios em termos de legislação que permitiu sua entrada e permanência no Japão para trabalhar In: KAWAMURA, Lili Katsuco. Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão. 2ª. Ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p 90-93.

<sup>2</sup> GALIMBERTTI, Percy. *O caminho que o dekassegui sonhou (Dekassegui no yumê-ji)*: cultura e subjetividade no movimento dekassegui. São Paulo: EDUC/FAPESP; Londrina: Ed. UEL, 2002.

<sup>3</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

<sup>4</sup> HALL, Stuart. *Op. Cit.* p 48-50.

Assim sendo, a identidade cultural dos imigrantes japoneses no Brasil e seus descendentes assume caráter que pode se referir a uma transformação de seus elementos originais, busca pela preservação ou retorno destes. A transformação caminha paralelamente a ideia de homogeneização das identidades globais que, no entanto, exigem considerar no mínimo três contra tendências principais:

“A primeira vem do argumento de Kevin Robin e da observação de que, ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da alteridade”; “A segunda qualificação relativamente ao argumento sobre a homogeneização global das identidades é que a globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro das regiões”; “O terceiro ponto na crítica da homogeneização cultural é a questão de se saber o que é mais afetado por ela. Uma vez que a direção do fluxo é desequilibrada, e que continuam a existir relações desiguais de poder cultural entre "o Ocidente" e "o Resto", pode parecer que a globalização — embora seja, por definição, algo que afeta o globo inteiro — seja essencialmente um fenômeno ocidental<sup>5</sup>”.

O movimento *dekassegui*, iniciado na transição da década de 1980 a 1990, revelou outros desdobramentos que tiveram efeitos variados nas pessoas que estavam inseridas naquela conjuntura. Ficou evidente, conforme relatado pelo Sr. Marcio Nitta<sup>6</sup>, a dificuldade em trabalhar numa terra estrangeira, experiência compartilhada também por outros descendentes que tentaram fazer o caminho inverso de seus antepassados.

Analisar tais experiências possibilita vislumbrar a complexidade existente nas relações humanas, sobretudo quando culturas diferentes entram em contato e, conseqüentemente, produzem elementos novos, os quais permitem ao historiador identificar características de um evento localizado num determinado tempo e espaço, tornando-se, portanto, fundamental sua investigação.

Este trabalho apresenta em seu primeiro capítulo a contextualização do processo imigratório japonês no Brasil e também a mídia de entretenimento no país e a difusão cultural do Japão nas décadas de 1980 e 1990, pois os conteúdos apresentados ao grande público no Brasil neste período contribuíram para a construção de outra

<sup>5</sup> HALL, Stuart. *Op. Cit.* p 77-79.

<sup>6</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016]. Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

concepção acerca da identidade do japonês e também apresentou a cultura popular japonesa para o público brasileiro de uma maneira geral. A narrativa da cultura nacional é contada, entre outros aspectos, a partir de cinco elementos principais, sendo eles a narrativa da nação, ênfase nas origens, invenção da tradição, mito fundacional, povo ou *folk* puro conforme sugere Hall<sup>7</sup>.

Embora já houvesse uma presença pouco significativa de japoneses no país, o início da imigração foi marcado por um estranhamento por grande parte da população, isso devido às diferenças culturais entre japoneses e brasileiros.

No Japão, essa necessidade de enviar pessoas a outros locais do mundo deriva de vários aspectos, entre os quais se destacam a expansão do próprio Império, ocorrida a partir da Restauração *Meiji* (1868-1912), e o excesso de pessoas nos grandes centros urbanos. Na Região Sudeste e Sul do Brasil, nesse contexto, ocorreu a expansão da produção de café, a qual carecia de mão de obra, descobrindo nos imigrantes de uma forma geral a solução para este problema<sup>8</sup>.

A imensa maioria das primeiras famílias de imigrantes nipônicos foram alocadas nestas plantações, as quais encontraram condições difíceis de adaptação, tanto no quesito profissional (ferramentas, métodos de trabalho) quanto no cultural (idioma, religião, educação).

A partir das primeiras levas de imigrantes, a presença de japoneses no Brasil continuou aumentando de forma expressiva, porém durante o Governo de Getúlio Vargas (1930 – 1945), por meio de medidas como as contidas no Decreto nº 383 de 18 de abril de 1938, os estrangeiros passaram por restrições e quando o Brasil entrou no cenário da Segunda Grande Guerra (1939 – 1945), na qual o Japão era considerado inimigo por pertencer ao Eixo (Roma, Berlim, Tóquio), os imigrantes japoneses sofreram ainda mais com ações nacionalistas, que visavam dentre outras coisas a expropriação de terras e bens, perseguição política, além da proibição do ensino do idioma japonês, da expressão cultural em reuniões e eventos em que ocorriam manifestações de costumes tradicionais.

---

<sup>7</sup> HALL, Stuart. *Op. Cit.* p 50-57.

<sup>8</sup> FAUSTO, Boris. *História do Brasil, 2ª. Edição.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995 (Didática I) ISBN: 85-314-0240-9. p 273-286.

Este cenário de tensão durou até meados de 1950, quando uma nova fase da migração ocorreu, sendo caracterizada principalmente pelo deslocamento interno no país pelos imigrantes.

Nesse sentido, o Paraná passou a receber várias famílias, que se estabeleceram num primeiro momento na região Norte do Estado, e aos poucos eles se movimentaram às grandes cidades, como Londrina e Curitiba. É a partir disso que os japoneses e seus descendentes começaram a compartilhar de forma mais significativa de seus elementos culturais, influenciando de certa forma, os locais em que se estabeleceram, constituindo, portanto, objeto de análise histórica e cultural no que se refere às práticas e sua interpretação<sup>9</sup>.

O segundo capítulo busca demonstrar a presença de elementos culturais japoneses na cidade de Curitiba e Fazenda Rio Grande, tais como obras arquitetônicas, instituições criadas e organizadas por descendentes de japoneses bem como eventos que reforçam certos elementos da identidade japonesa, como por exemplos os Maturis. O conjunto desses objetos oferece a possibilidade de interpretação da cultura japonesa ou aquilo que seus descendentes produziram, que conforme sugere Geertz:

“O conceito de cultura que eu defendo, e cuja utilidade os ensaios abaixo tentam demonstrar, é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície<sup>10</sup>”.

Portanto, a partir de alguns elementos, é possível identificar e interpretar de que maneira a cultura japonesa esta inserida na conjuntura da cidade de Curitiba e Fazenda Rio Grande.

No segundo capítulo também é abordado o fenômeno *dekassegui* a partir do relato do Sr. Marcio Yukio Nitta<sup>11</sup> e em que medida esta experiência se relaciona com a

<sup>9</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

<sup>10</sup> GEERTZ, Clifford. *Op Cit.* p. 4.

<sup>11</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016]. Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

de outras pessoas que passaram por situações semelhantes. Esta fonte é explorada de maneira qualitativa, isto é, foi dada ênfase num único relato com o objetivo de extrair mais informações que revelem algumas noções que o entrevistado possui de si mesmo em termos de identidade e qual o impacto que sua experiência fora do Brasil teve em suas concepções sobre cultura e sentido de pertencimento.

## 2 OS JAPONESES NO BRASIL

### 2.1 CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

O Império japonês que, após promover com a restauração *Meiji*<sup>12</sup>, ocorrida entre 1868 e 1912, uma política expansionista e de transformações sociais<sup>13</sup>, sentiu a necessidade de enviar a outras regiões do planeta o excedente de população decorrente dessas alterações, as quais tendiam a modificar um país essencialmente agrícola em potência industrial.

Na medida em que o Japão se desenvolveu, o governo japonês junto ao brasileiro, já em meados da década de 1890<sup>14</sup>, iniciou acordos que pretendiam o livre comércio, proteção de propriedades, liberdade de culto, bem como o trânsito de cidadãos de ambos os países. Porém, somente em 1908 o processo imigratório japonês para o Brasil se consolidou, começando dessa forma, a troca de identidades e elementos culturais entre povos que até então pouco se conheciam<sup>15</sup>.

Em suma, os processos imigratórios no Brasil, ocorridos em meados do século XIX, e início do XX, tornaram-se parte de uma política nacional que objetivava uma série de fatores, os principais referem-se ao povoamento do vasto território, e, sobretudo, suprir necessidades de mão de obra dos mais variados tipos. Entretanto, os imigrantes japoneses foram, em princípio, direcionados as atividades nas lavouras de café.

Desse modo, a conjuntura do Brasil na República das Oligarquias concentrava as atividades do país na Região Sudeste, tendo os Estados de São Paulo e Minas Gerais como os principais centros da política e desenvolvimento agroindustrial. As lavouras de café existentes em São Paulo constituíam o produto mais lucrativo da

---

<sup>12</sup> Restauração *Meiji*: Modificações de caráter estrutural promovidas pelo governo japonês no sentido de tornar o Japão um país equiparável às potências ocidentais em termos de desenvolvimento tecnológico e social. In: SAKURAI, Célia. Os japoneses. 2ª. Ed., reimpressão. São Paulo. Contexto, 2013.

<sup>13</sup> WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos *Op. cit.* p. 28.

<sup>14</sup> *Ibid.* p. 42.

<sup>15</sup> *Ibid.* p. 49.

economia não apenas daquele Estado, mas também do país, necessitando, dessa forma, de grande número de trabalhadores.

A política do “café com leite”<sup>16</sup>, como ficou conhecida, dominou o Brasil nas três primeiras décadas do século XX, deixando marcas significativas nas estruturas da nação, que foram sentidas nos anos subseqüentes<sup>17</sup>. Economicamente, o país tinha na agricultura do café uma significativa fonte de desenvolvimento, a qual desde o século XIX constituía a principal atividade da nação em termos econômicos. No entanto, após a queda da bolsa de valores em Nova Iorque em 1929, o Brasil necessitou não somente modificar sua política interna de investimentos, mas também desenvolver outras regiões do vasto território. Nesse período de crise, a imigração japonesa foi à única em que não houve significativa redução<sup>18</sup>.

Quando chegaram ao porto de Santos as primeiras 165 famílias japonesas em 18 de junho 1908 a bordo do navio *Kasatu Maru*<sup>19</sup> grande parcela daqueles pioneiros foi alocada nas fazendas produtoras de café. Porém, à medida que desenvolviam sua economia, algumas famílias tornaram-se também pequenas proprietárias de terra, comerciantes e etc.

Esse processo permaneceu relativamente contínuo até que, no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945), os imigrantes japoneses (bem como qualquer cidadão estrangeiro, sobretudo os alemães, italianos e japoneses depois da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1942) passaram a sofrer efeitos de uma legislação que visava o controle da entrada e saída de estrangeiros.

O Governo brasileiro daquele período, por consequência, adotou medidas preventivas que visavam o controle e observação de cidadãos, entre eles, principalmente, estrangeiros<sup>20</sup> que poderiam colocar em risco a ordem social brasileira.

---

<sup>16</sup> A “política do café com leite” consistiu na sucessão de lideranças políticas no âmbito da presidência da República entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo durante as primeiras 3 décadas do século XX. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. O teatro das Oligarquias. Uma revisão da “política do café com leite”. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. Resenha de NEGRO, Antônio Luigi; BRITO, Jonas. A Primeira República muito além do café com leite. Topoi. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 197-201, jan./jun. 2013. Disponível em: <www.revistatopoi.org>. Acesso em: 07 jun 2016.

<sup>17</sup> FAUSTO, Boris. *Op Cit.* p. 275.

<sup>18</sup> *Ibid.* p 276.

<sup>19</sup> WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos *Op. cit.* p. 50.

<sup>20</sup> BRASIL, Rio de Janeiro. Diário Oficial da União – Seção 1 – 19/4/1938, página 7357. Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938. Disponível em: <www2.camara.leg.br> Acesso em 06 jun 2016.

Exemplo dessas medidas foi à mudança dos responsáveis pelos assuntos relacionados aos imigrantes que até 1942, eram atribuídos ao Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores, das Relações Exteriores e do Trabalho, sendo posteriormente alterado para o Ministério da Guerra <sup>21</sup>.

Todavia, estas leis e decretos relacionados aos estrangeiros os afetavam de diversas formas, atingindo desde os seus bens materiais, até suas práticas culturais, nesse sentido, os imigrantes japoneses e seus descendentes, que já contabilizavam segundo estimativas do IBGE para o ano de 1950, cerca de 320.000 pessoas, passaram a ser o alvo de uma política discriminatória durante o período do Estado Novo (1937-1945).

Os japoneses foram ainda alvo de leis e decretos criados para a questão do aumento de sua presença na sociedade brasileira, que para Vargas, necessitava se nacionalizar e, dessa forma, distanciar-se de elementos culturais exteriores. A “lei de cotas”<sup>22</sup> representou dentro do governo de Vargas, o início da criação de políticas que visavam o controle de estrangeiros no Brasil e dialogava com o discurso existente nos círculos intelectuais e políticos da época, no qual a eugenia representava o elemento central e que influenciava significativamente a tomada de decisões em termos de qual grupo étnico a ser recepcionado no país<sup>23</sup>.

Em 1938 foram emitidos uma série de decretos que tinham por objetivo atingir os nipônicos residentes no Brasil, e tinham como alvo limitar o ensino de seu idioma, a participação em empresas bem como publicações de jornais que não fossem em português<sup>24</sup>. Os efeitos dessa política discriminatória logo foram sentidos entre os imigrantes, pois foram proibidos de praticar seu idioma, reunir-se em público, além de outras medidas<sup>25</sup>.

---

<sup>21</sup> *Ibid.* p. 63.

<sup>22</sup> GERALDO, E. *A “Lei de Cotas” de 1934: Controle de Estrangeiros no Brasil*. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, promulgada a 16 de julho de 1934; a “lei de cotas” foi mantida no artigo 151 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, decretada a 10 de novembro de 1937. Constituições do Brasil. São Paulo: Atlas, 1979.

<sup>23</sup> LESSER, Jeff. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil* / Jeff Lesser; tradução Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres – São Paulo: Editora UNESP, 2001.

<sup>24</sup> WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos *Op. cit.* p. 63-70.

<sup>25</sup> SETO, Cláudio; UYEDA, Maria Helena. *Ayumi (caminhos percorridos) memorial da imigração japonesa: Curitiba e litoral do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p. 100.

Essas medidas promoveram a repressão de quem representasse o “perigo amarelo”<sup>26</sup>, sendo os japoneses, por constituírem a maioria dos orientais no país, o principal alvo de discriminação. Entretanto, o Brasil não foi o único país do mundo a discriminar imigrantes e pessoas de origem oriental, os Estados Unidos, por exemplo, impuseram aos chineses uma série de restrições de caráter social<sup>27</sup>.

Contudo, no país oriental, as décadas pós-segunda Guerra Mundial representaram grande crescimento econômico, alinhado, por um lado, ao desejo interno de desenvolvimento e, do outro, ao apoio internacional, sobretudo dos Estados Unidos da América, que de inimigo, passou a ser aliado. As causas deste apoio visavam à posição estratégica japonesa no contexto da Guerra Fria, em que, durante a Guerra da Coreia e mais tarde do Vietnã, os Estados Unidos instalaram no território japonês diversas bases, tanto militares como industriais, além de fomentar políticas de financiamento que permitiriam ao Japão crescer, entre 1966 e 1970, não menos que 16 % ao ano<sup>28</sup>. Célia Sakurai (2013, p 217) conclui que:

“O Japão nas décadas seguintes á guerra ganhou, portanto, uma nova identidade, conseguindo um lugar entre as maiores economias do mundo. Mostrou força diante dos que pouco tempo atrás eram seus inimigos e tinham destruído cidades suas com bombas<sup>29</sup>”.

A partir da década de 1950 e 1960, entretanto, com a redemocratização do Brasil, os japoneses passam a não sofrerem mais com qualquer sanção ou lei devidamente formalizada que tivesse como objetivo a limitação de seus hábitos, idioma, etc. Foi nesse período que as primeiras produções audiovisuais com origem japonesa começaram a ser exibidas no Brasil, mostrando para o público brasileiro, de uma maneira geral, aquilo que era popular na mídia do Japão<sup>30</sup>. Portanto, ás décadas de

<sup>26</sup> SHIZUNO, Elena. Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: os imigrantes japoneses e a DOPS na década de 40. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. p 46-49. Disponível em < acervodigital.ufpr.br> Acesso em: 06 jun 2016.

<sup>27</sup> WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos *Op. cit.* p. 65

<sup>28</sup> SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. 2ª. Edição, 1ª. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. ISBN 978-85-7244-378-4. p 205-209.

<sup>29</sup> SAKURAI, Célia. 2013. *Op. Cit.* p 217.

<sup>30</sup> Revista Lumina - PPGCOM – UFJF ISSN: 1981- 4070. Disponível em: <http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br>. Acesso em: 10 mar. 2015.

1970 e 1980 mostraram, sobretudo por meio da mídia, uma imagem diferente daquele Japão considerado hostil até meados do século XX.

O país oriental passou, portanto, de inimigo declarado a um grande parceiro, tendo participação significativa não apenas em termos culturais, como era o caso dos milhares de descendentes de japoneses no Brasil, mas também economicamente, visto o comércio que se estabeleceu entre os dois países que na década de 1990 chegou a movimentar mais de 3.5 bilhões de dólares em importações e pouco mais de 3 bilhões em exportações de produtos brasileiros para o Japão<sup>31</sup>.

No âmbito cultural os imigrantes e seus descendentes já tinham, por exemplo, programas de rádio direcionados aos interesses da comunidade nipônica, como o “Programa Oriental do Paraná”, apresentado pelo senhor Toshio Saruhashi em Curitiba a partir de 1958 e estava acessível para quem tivesse aparelhos que operassem em ondas curtas e médias, tendo alcance em boa parte do território nacional<sup>32</sup>. O programa do senhor Saruhashi ficou no ar até meados de 1968 e tinha alcance nacional.

A cidade de Cotia, no Estado de São Paulo, também recebeu imigrantes japoneses, no entanto, estes estrangeiros foram os principais responsáveis por uma das mais importantes cooperativas criadas no Brasil no fim da década de 1920. A “Cooperativa Agrícola de Cotia”, ou CAC, demonstrou em seus trabalhos, referências que ficaram atribuídas aos japoneses, tais como organização, ajuda mútua, trabalho coletivo, dentre outros.

A CAC expandiu suas atividades logo nos primeiros anos de existência e alcançou outras cidades do Estado de São Paulo, até o final de 1940, já haviam 13 depósitos regionais em funcionamento. A CAC continuou sua expansão pelo Brasil até a dissolução da Cooperativa, ocorrida na década de 1990<sup>33</sup>.

Essa instituição representou, conforme sugere Célia Sakurai, “A história da CAC acompanha um momento em que a comunidade japonesa passou a controlar seu próprio destino”. E ainda “É possível afirmar que algumas facetas da identidade pública

<sup>31</sup> Disponível em: <<http://fjisp.org.br/artigo/o-comercio-bilateral-brasil-japao-passividade-no-contexto-do-novo-regionalismo-asiatico/>>. Acesso em 10 abr. 2015.

<sup>32</sup> SETO, Cláudio; UYEDA, Maria Helena. *Op Cit.* p. 322-324.

<sup>33</sup> SAKURAI, Celia. *Imigração tutelada: os japoneses no Brasil*. Campinas, SP. 2000. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências humanas. p. 158.

dos japoneses no Brasil se deve a Cooperativa Agrícola de Cotia porque se cria a imagem do trabalho coletivo<sup>34</sup>.

Entretanto, há um episódio na história da imigração japonesa no Brasil que demonstra os extremos que a tentativa de preservação cultural pode chegar. Trata-se da sociedade “secreta” Shindo Renmei (Liga do Caminho dos Súditos), fundada em São Paulo em 1942, em que participaram exclusivamente imigrantes japoneses e tinham como principal objetivo a manutenção da cultura nipônica, bem como outros elementos, por exemplo, não aceitar a derrota japonesa na Segunda Guerra Mundial e considerar o Imperador japonês como a representação divina na Terra, ainda que ele tenha perdido formalmente esse status após o conflito<sup>35</sup>.

Hall<sup>36</sup> argumenta que, embora o hibridismo ou sincretismo entre diferentes tradições culturais possam ser consideradas uma fonte criativa produtora de novas culturas, mais apropriadas à identidade pós-moderna do que as já contestadas identidades do passado, o hibridismo também pode representar perigo quando há conflitos demasiadamente complicados em questão.

No caso da Shindo Renmei, a recusa em aceitar a derrota do Japão na Segunda Guerra Mundial desencadeou uma série de ações violentas, tendo inclusive, vitimado dezenas de pessoas que, por simplesmente aceitarem a derrota e por já estarem mais integradas a sociedade brasileira, eram atacadas por membros desta organização essencialmente nacionalista. Todavia, é necessário também considerar que a repressão do governo Vargas sobre os *nikkeis*<sup>37</sup> contribuiu para que japoneses se organizassem de maneira clandestina na tentativa de preservar elementos de sua cultura, tais como religião e idioma bem como o culto ao Imperador do Japão, o qual era venerado como representante divino na Terra<sup>38</sup>.

Portanto, no Brasil, a presença dos imigrantes japoneses possibilitou o vislumbamento de diversas facetas que um processo imigratório pode proporcionar. Do hibridismo cultural ao “fundamentalismo”, os japoneses foram se adaptando a realidade

<sup>34</sup> SAKURAI, Celia. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada. p. 147.

<sup>35</sup> DA SILVA, Carlos Leonardo Bahiense. *Em nome do imperador: reflexões sobre a Shindo Renmei e sua campanha pela preservação da etnicidade japonesa no Brasil*. (1937-1950). Rio de Janeiro, UFRRJ, 2004 (Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade).

<sup>36</sup> HALL, Stuart. *Op. cit.* p 91-97.

<sup>37</sup> *Nikkei/nikkey*: Designação da língua japonesa para se referir a japoneses residentes fora do Japão.

<sup>38</sup> DA SILVA. *Op. cit.* p 21-39.

do Brasil e construindo sua identidade de acordo com o meio em que estavam inseridos. Os brasileiros também se adaptaram na medida em que era percebida a presença do japonês e seus descendentes, os quais passaram da condição de indesejados ao prestígio social. Estas mudanças não tiveram apenas a participação pontual de pessoas preocupadas com a questão da imigração japonesa, a política e os meios de comunicação foram fundamentais para que se permitisse a inserção dos nipônicos e eles passassem a integrar a já diversa sociedade brasileira.

## 2.2 A MÍDIA DE ENTRETENIMENTO NO BRASIL E A DIFUSÃO CULTURAL DO JAPÃO NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.

Com a popularização dos meios de comunicação, ocorridos no Brasil a partir da década de 1950, sobretudo a televisão e o rádio, o país não apenas produziu conteúdo com temáticas nacionais, mas também abriu espaço no mercado interno para produções internacionais, com destaque para o cinema hollywoodiano e europeu. No entanto, por ser um país em que parte significativa da população é descendente dos mais variados países, também houve a inserção no contexto da mídia de vários outros estilos, nesse sentido, no período posterior a segunda guerra mundial, os imigrantes japoneses também tiveram acesso a trabalhos relacionados com a mídia oriundos do Japão, como filmes, músicas, programas de rádio e etc.<sup>39</sup>.

A partir da expansão e consolidação dos programas para televisão no Brasil em meados da década de 1960 e o crescimento de produções televisivas no Japão, não demorou para que alguns personagens ou programas chegassem ao Brasil e conquistassem um público que ia além dos imigrantes ou descendentes de japoneses, como por exemplo a série japonesa conhecida como “*National Kid*” (1960-1961), primeira a ser exibida no Brasil a partir de 1964.

Entretanto, com o advento da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), em termos institucionais, não eram permitidos publicações ou produtos que não estivessem

---

<sup>39</sup> SAKURAI, Celia. Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada. In: FAUSTO, Boris. Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo: EDUSP, 1999. p 584.

alinhados às noções de moral e bons costumes, previstas na Constituição de 1967, e, como exemplo específico destas medidas, o Decreto-Lei nº. 1077 de 26 de janeiro de 1970, o qual inclui no parágrafo 8º. do artigo 153 da mencionada constituição, uma série de artigos com o propósito de fiscalizar, reprimir, bem como realizar a busca e apreensão de qualquer material que ofenda a moral e os bons costumes.

Todavia, tais medidas, na prática, não tiveram efeito sobre muitos produtos, principalmente aqueles exibidos na televisão brasileira, exemplo disso são os seriados e filmes japoneses produzidos no Japão na década de 1960 e exibidos no Brasil na década seguinte.

A mídia, portanto, já era reconhecida como ferramenta de promoção cultural<sup>40</sup>, em que poderia, conforme as medidas adotadas pelo Regime Militar brasileiro, subverter ou informar as pessoas sobre assuntos que não eram do interesse do governo.

Com o processo de redemocratização do país, os meios de comunicação, apesar de ainda ocorrer certa limitação como herança do período de restrições da Ditadura, paulatinamente diversificou seus conteúdos e mais uma vez foi possível à popularização de materiais produzidos no Japão para serem exibidos no Brasil. Deste modo, a década de 1980 apresentou aos espectadores brasileiros uma grande variedade de programas com origem na televisão japonesa, e em menor escala, outras fontes de entretenimento, como os mangás, jogos eletrônicos e etc<sup>41</sup>.

É a partir desse momento que a cultura popular japonesa, produzida a partir das mídias, entra em contato de forma mais significativa com os meios de comunicação ao redor do mundo e especificamente no caso do Brasil, por ter grande quantidade de imigrantes e descendentes de japoneses, passa a fazer parte do cotidiano de milhares de expectadores ou consumidores de uma maneira geral, visto que os elementos da cultura japonesa também conquistaram outros mercados além da mídia.

A relação da construção de elementos de identidade com a popularidade dos meios de comunicação, sobretudo a televisão e cinema, produz, segundo Hall, uma vinculação em que a cultura do indivíduo pode, dentro do contexto global, criar uma

---

<sup>40</sup> THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 3a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

<sup>41</sup> FAUSTO, Boris. *Op Cit.* p. 512-514.

nova cultura, a qual se hibridiza na medida em que, a exemplo da cultura popular japonesa e brasileira, são exibidas em grandes meios de comunicação<sup>42</sup>. Desta maneira o fenômeno da cultura pop japonesa contribuiu para a construção da representação de vários elementos culturais japoneses no Brasil, pois as identidades nacionais, segundo Hall, não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação, nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa. Segue-se que a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural<sup>43</sup>.

Nesse sentido, a grande quantidade e, sobretudo, popularidade dos produtos de mídia japoneses influenciaram de maneira significativa a concepção em termos de identidade do “ser” japonês, ainda que houvesse problemas como distribuição, manipulação e direcionamento daqueles produtos<sup>44</sup>.

---

<sup>42</sup> HALL, Stuart. *Op. cit.* p 67-69.

<sup>43</sup> HALL, Stuart. *Op. cit.* p 48-50.

<sup>44</sup> Revista Lumina - PPGCOM – UFJF ISSN: 1981- 4070. Disponível em: <<http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

### 3 TRADIÇÕES CULTURAIS E A EXPERIÊNCIA “DEKASSEGUI” ENTRE OS DESCENDENTES DE JAPONESES EM CURITIBA E FAZENDA RIO GRANDE NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990.

#### 3.1 OS JAPONESES NO PARANÁ.

Dentro do Estado, desde os primeiros anos da imigração nipônica no Brasil, foi registrada a presença de japoneses. Em Curitiba, por exemplo, já existiam lojas comercializando produtos de origem ou inspirados na cultura japonesa, como a “Casa Japonesa”, inaugurada em 1912 pelo senhor Shigueto Suguihara juntamente com um sócio brasileiro. Lá eram oferecidos diversos produtos, alguns de origem oriental. Nestes primeiros contatos, o tom exótico dos produtos chamavam a atenção daqueles que procuravam justamente pelas diferenças, além de elementos como qualidade e praticidade. Entre Alguns dos itens oferecidos pela “Casa Japonesa” estavam a louça legítima do Japão, ferros de engomar, fogões, estufas, dentre outros<sup>45</sup>.

No Paraná, todavia, não houve, pelo menos num primeiro momento, posicionamento favorável à vinda dos japoneses como imigrantes para ocuparem ou trabalharem nas terras do estado, pois havia na opinião pública, um receio de que a vinda de japoneses tiraria o emprego dos paranaenses, os quais eram em boa parte, descendentes de imigrantes europeus.

Essa discriminação ficou evidente inclusive em publicações de jornais da época, em que o imigrante japonês é discriminado em relação ao imigrante europeu, além de representar estranhamento entre a população devido às diferenças físicas e culturas, como ficou evidente na publicação do jornal “O Comércio”, em Curitiba, que abria sua edição de 09 de dezembro de 1908, portanto meses após a chegada dos primeiros japoneses no porto de Santos em 18 de junho do mesmo ano, como frases do tipo “A imigração japonesa é um perigo para o povo que a aceita”<sup>46</sup>.

Depois da Segunda Guerra (1939-1945), a dinâmica da imigração japonesa voltou ao seu curso normal em termos oficiais, as restrições foram retiradas e as Leis

---

<sup>45</sup> SETO, Cláudio; UYEDA, Maria Helena *Op. cit.* p. 83-84.

<sup>46</sup> *Ibid.* p 58.

revogadas, no entanto, uma nova postura começou a ser percebida entre os imigrantes, que se refere a não retornar para seu país de origem, devido a dois fatores básicos: Falta de recursos para o retorno ou o sucesso de seus empreendimentos, que os imigrantes de fato se estabelecem em território brasileiro e nesse sentido, migraram internamente para outras regiões do país.

Após o período conturbado da Era Vargas os imigrantes começam a se deslocar para outras regiões do Brasil, se concentrando principalmente nos Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul.

No território paranaense a grande maioria das propriedades, sobretudo na região Norte, estavam voltadas para a agricultura, com destaque para o cultivo de café, o qual expandiu suas exportações por todo o Brasil após a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, devido á proximidade daquela região com as fazendas no interior de São Paulo, o Paraná passou a constituir o principal destino dos imigrantes japoneses. Entretanto, em terras paranaenses, os japoneses já podiam administrar e empreender suas propriedades, as quais eventualmente geravam recursos suficientes para o deslocamento em direção aos centros urbanos de Londrina e Curitiba.

Ao procurar a capital do Estado, eles buscavam dentre outras coisas, o acesso á educação de nível superior, como a Universidade Federal do Paraná já institucionalizada em 1950, e também outros serviços, visto que a cidade apresentava grande desenvolvimento urbano. Curitiba registrava em seu Censo de 1950, cerca de 6500 pessoas de etnia japonesa, que segundo Wawziniak, se distribuíam entre as regiões urbanas e rurais.

Dessa maneira, em Curitiba, os japoneses se inseriram de forma bastante significativa na sociedade. Entretanto, não deixaram de praticar sua cultura ou vários elementos dela, e a partir daí, começaram a fazer parte da rotina da cidade através de eventos, assim como da participação da vida publica.

O estudo da cultura é complexo, como sugere Geertz<sup>47</sup>, exigindo uma série de cuidados, em que estão inclusos não apenas o estudo teórico, mas principalmente os práticos, ou seja, a convivência no meio onde se pretende analisar a cultura. Essa

---

<sup>47</sup> GEERTZ, Clifford. *Op. cit.* p 4.

distinção se fez necessária na medida em que a antropologia foi se desenvolvendo ao longo de sua relativa recente história como disciplina acadêmica (a partir do século XIX). Para Geertz, o ponto principal que é a interpretação das culturas se desenvolve a partir de uma visão e postura científica. Entretanto, também deixa claro que o antropólogo é possuidor de uma cultura e isso também determina a evolução e desenvolvimento de seu trabalho.

Geertz considera que deve se atentar para o comportamento, pois é através dele ou da ação social, que as formas culturais encontram articulação, da mesma maneira que várias espécies de artefatos e vários estados de consciência. Nestes casos, o significado emerge do papel que desempenham no padrão de vida decorrente. O acesso aos sistemas de símbolos é feito com a inspeção dos acontecimentos. Imigrantes japoneses e seus descendentes estão dispostos numa rede dinâmica, convivendo com elementos culturais diversos, portanto, se comportam de maneira distinta dentro de um contexto histórico específico.

Nesse sentido a etnografia, conforme proposto por Geertz, fornece subsídios e conhecimentos para desenvolver essa interpretação, desde que a descrição etnográfica siga quatro passos fundamentais, sendo eles: 1ª. Interpretativa; 2ª. Interpreta o fluxo do discurso social; 3ª. Esta interpretação consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis; 4ª. Microscópica.

Dessa forma, a etnografia tem a função de ser uma teoria que fornece um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo, sobre o papel da cultura na vida humana.

Tais cuidados, ainda que estejam relacionados especificamente às atribuições do antropólogo, são necessários na medida em que se tenta interpretar ou compreender uma cultura tão diferente como é a japonesa em relação à brasileira, a convivência dos indivíduos em sociedade, portanto, só é possível na medida em que exista certa troca de elementos e que eles sejam identificáveis dentro da “teia” cultural<sup>48</sup>. Ademais, quando lidamos com formas cheias de significado, é necessário também evitar a relação ou associação entre os objetos como se entre eles houvesse afinidade

---

<sup>48</sup> GEERTZ, Clifford. *Op. cit.* p 4-7.

intrínseca ou desafinidade<sup>49</sup>. Em outras palavras, é preciso evitar, por exemplo, comparar um determinado elemento da cultura japonesa com a cultura brasileira, como se eles, entre si, dialogassem ou possuíssem o mesmo significado para seus interlocutores.

Contudo, não só na capital, mas as cidades ao redor também receberam imigrantes, como foi o caso de Antonina, que recepcionou cerca de 27 famílias em meados da década de 1950 pertencentes ao Núcleo Hayao Washida, imigrante que posteriormente também comprou terras em Araucária, fundando ali os primeiros loteamentos destinados a japoneses nas proximidades da capital<sup>50</sup>.

Dentro dessa conjuntura, as atividades relacionadas ao campo ainda constituíam a base dos trabalhos exercidos pelos imigrantes, porém, as famílias já detinham recursos suficientes para inserir seus filhos no ensino profissional ou superior. É nesse momento em que os imigrantes começam a ser percebidos socialmente e, também, a participar efetivamente do meio cultural com o qual estavam inseridos, promovendo assim sua identidade.

Portanto, os imigrantes japoneses já vieram investidos de sua identidade e seus elementos culturais, os quais foram, paulatinamente, absorvendo características dos locais em que estiveram, pois como conclui provisoriamente Hall: parece então que a globalização tem, sim, o efeito de contestar e deslocar as identidades centradas e "fechadas" de uma cultura nacional. Ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, produzindo uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e tornando as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas ou trans-históricas. Entretanto, seu efeito geral permanece contraditório<sup>51</sup>.

A partir da inserção do imigrante japonês na sociedade paranaense, logo seus elementos culturais começaram a aparecer em diversas áreas, como gastronomia, arquitetura, moda, televisão, cinema, e etc. Na medida em que a população de imigrantes cresceu, bem como seus descendentes, os brasileiros acostumaram-se com a cultura nipônica no sentido de não reduzi-la a algo extremamente exótico, ou seja, a

---

<sup>49</sup> GEERTZ, Clifford. *Op. cit.* p 179-182.

<sup>50</sup> WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos *Op. cit.* p. 94

<sup>51</sup> *Ibid.* p. 83-88.

discriminação que foi percebida e de certa forma praticada nas primeiras décadas do processo imigratório e migratório dentro do Paraná, passou a fazer parte apenas da memória daqueles que estiveram envolvidos, não constituindo, portanto, um hábito cotidiano.

As identidades culturais, tanto dos japoneses, seus descendentes e também dos habitantes locais, sofreram, desta maneira, o impacto da “globalização”, que segundo Hall citando o argumento de Anthony McCrew (1992): a “globalização” se refere aqueles processos, atuantes em escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações e espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e experiência, mais interconectado<sup>52</sup>.

### 3.1.1 Descendência nipônica em Fazenda Rio Grande

Fazenda Rio Grande é um município pertencente à Região Metropolitana de Curitiba, foi emancipado da cidade de Mandirituba pela Lei estadual nº. 9213, de 26 de janeiro de 1990 (Publicado no Diário Oficial no. 3192 de 29 de Janeiro de 1990), a qual possibilitou a instalação do município no dia primeiro de janeiro de 1993<sup>53</sup>. No entanto, a região já abrigava um número significativo de pessoas, dentre as quais, famílias de migrantes japoneses que, em sua maioria, vieram da Região Norte do Paraná bem como interior do Estado de São Paulo.

Esses migrantes chegaram principalmente entre as décadas de 1960 e 1970, a maioria deles trabalhava na agricultura e criação de animais. Geograficamente, o município se localiza entre as cidades de Araucária a leste, Mandirituba ao sul, Curitiba a norte e São José dos Pinhais a oeste. Localização que favoreceu o desenvolvimento e consolidou as bases para que, em 1990, o município fosse emancipado<sup>54</sup>.

Depois da emancipação e organização política iniciada com a instalação do município em 1993, a cidade demonstrou, em seu Censo Demográfico de 1996, a presença de inúmeras famílias com ascendência nipônica, a verificar-se pela

---

<sup>52</sup> *ibid*, p. 67.

<sup>53</sup> Disponível em: < <http://www.fazendariogrande.pr.gov.br>>. Acesso em: 25 set. 2014.

<sup>54</sup> IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010. Disponível em: < [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>. Acesso em: 25 set. 2014.

quantidade de sobrenomes com origem no idioma japonês, bem como a existência de eventos culturais em parques da cidade, como é o caso da Organização Municipal de Baseball, desporto muito popular no Japão em meados da década de 1990, que era praticado pelos descendentes em Fazenda Rio Grande nas imediações do Parque Verde, local destinado ao lazer que, devido à proximidade com os municípios de Mandirituba e Araucária, concentrava a maioria dos descendentes de japoneses<sup>55</sup>.

A presença de descentes também foi verificada na vida política de Fazenda Rio Grande, pois alguns tentaram se candidatar ao cargo de vereador na cidade. Na economia do município, algumas indústrias de origem japonesa também se instalaram, sobretudo após aplicação da Lei Municipal 158/1998, que concede incentivos tributários, fiscais e de infraestrutura. Fica, portanto, evidente a presença de descendentes de japoneses na cidade.

Alguns descendentes de japoneses estabelecidos no município tiveram a oportunidade de retornar ao Japão, para, dentre outras coisas, buscarem novas oportunidades de trabalho e ascensão social, este fenômeno ou movimento, que ficou conhecido como *dekassegui*, é objeto de análise dos itens 3.2 e 3.3 desta monografia, no entanto, no item 3.1.2 é mostrado de que maneira foi utilizada a fonte oral que mostra a experiência de um *dekassegui* no período em que ele estava no Japão.

### 3.1.2 Sobre o uso da fonte oral neste trabalho

Nos títulos 3.2 e 3.3 deste trabalho são utilizados os relatos do senhor Márcio Yukio Nitta<sup>56</sup> com a intenção de inseri-los dentro de uma perspectiva maior que é o fenômeno *dekassegui* em Curitiba e Fazenda Rio Grande, todavia, algumas ressalvas são necessárias na medida em que o trabalho com fontes orais exige metodologias específicas bem como certos cuidados teóricos na abordagem do historiador. Neste caso, a entrevista foi conduzida seguindo procedimentos técnicos sugeridos por Paul

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

<sup>56</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016]. Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

Thompson<sup>57</sup>, que, além do aspecto técnico, também aborda em seu livro reflexões que são fundamentais para o uso desse tipo de fonte, isto é, a fonte oral.

Um dos pontos seguidos por este trabalho e que estão presentes na obra de Thompson se refere à maneira como são interpretadas as respostas e elaboradas as perguntas para o entrevistado, aqui, não são feitas tentativas de se interpretar as palavras e a memória dos interlocutores de maneira psicanalítica<sup>58</sup>. O objetivo é somente inseri-las no contexto em que os *dekasseguis* estavam durante sua experiência de vida e trabalho no Japão e também seu retorno ao Brasil, evidenciando as principais dificuldades e consequências do processo.

Também foram analisados nas respostas fornecidas pelo entrevistado aspectos que dialoguem com a questão da identidade e cultura presentes na obra de Hall<sup>59</sup> e Geertz<sup>60</sup>, sobretudo a concepção que o entrevistado possui em termos de pertencer a uma ou outra cultura. Optou-se pela realização de uma única entrevista, porém, mais detalhada, a qual forneceu dados qualitativos que revelam como ocorreu a experiência do entrevistado no período em que esteve no Japão.

A transcrição é feita de maneira a preservar a forma como os interlocutores falam, isto é, sem alterar as palavras conforme foram registradas na gravação, a qual foi realizada por meio de filmadora e sem microfone separado, ou seja, foi utilizado o microfone do próprio equipamento. A entrevista foi realizada pelo autor desta monografia na residência do Sr. Marcio Yukio Nitta e teve 22 minutos e 19 segundos de duração e a transcrição se encontra no item Anexos, desta monografia.

### 3.2 EXPERIENCIAS DEKASSEGUIS

Após décadas de constante desenvolvimento, o Japão entrou na chamada “crise dos anos 90”<sup>61</sup>, em que, devido a fatores como envelhecimento da população, falta de trabalhadores no campo tendo em vista que o país já era essencialmente urbano, além

---

<sup>57</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Tradução: Lólio Lorenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

<sup>58</sup> THOMPSON, *Op. Cit.* p 197-215.

<sup>59</sup> HALL, Stuart. *Op. Cit.*

<sup>60</sup> GEERTZ, Clifford. *Op. Cit.*

<sup>61</sup> TORRES FILHO, E. T. A Crise da Economia Japonesa nos Anos 90: Impactos da Bolha Especulativa. *Revista de Economia Política*, v. 17, p. 1-19, 1997. Disponível em < <http://www.rep.org.br/>> Acesso em: 06 jun 2016.

da especialização da mão de obra bem como a recusa de muitos japoneses em exercer atividades nos trabalhos representados pelos 3 “k”, *kitani* (sujo), *kitsui* (pesado) e *kiken* (perigoso), o país sentiu necessidade de importar mão-de-obra de outros países. Sobre este assunto o entrevistado diz que:

**J. G. S.:** E assim, por que que você acha que existia espaço pra descendentes de japoneses, no caso que nasceram no Brasil, trabalhar no Japão?

**M. Y. N.:** Uma por que o povo japonês ta envelhecendo muito né, então, e os jovens naquela época, até hoje é, os jovens naquela época, eles não se interessavam em trabalhar de fábrica, e como naquela época, 80,90, tava o “boom” que falavam, o Japão tava em ascensão, chegou quase em primeiro do mundo. A indústria tava muito forte precisava muito de mão-de-obra, daí, levamos a sorte de chegar lá, e empregos a preço de ouro né, a hora<sup>62</sup>.

A solução, portanto, foi encontrada naqueles que seriam conhecidos por *dekasseguis*, que eram descendentes de japoneses espalhados pelo mundo, sobretudo na América do Sul. Todavia, esses trabalhadores receberam benefícios para entrar no Japão devido a Lei de Controle de Imigração em 1990, que permitia a permanência de 3 anos, prorrogáveis, dentre outros benefícios<sup>63</sup>.

Motivados por essa lei bem como facilidades burocráticas e devido à descendência nipônica, os *dekasseguis*, portanto, fizeram o caminho inverso de seus antepassados recentes e, em linhas gerais, encontraram as mesmas dificuldades, pois poucos dominavam o idioma e também não tinham as qualificações necessárias ao mercado de trabalho japonês. Nesse sentido, estes descendentes, á medida em que desenvolviam suas atividades, entravam em contato com um Japão diferente daquele idealizado ou imaginado em principio, pois agora se deparavam com o Japão “globalizado”.

A conjuntura brasileira no início dos anos 1990 também teve papel fundamental na escolha de muitos *dekasseguis*, pois o país passava por transformações em sua economia, política e sociedade, alta taxa de inflação e desemprego também contribuíram para que trabalhadores buscassem em outros países alternativas para

<sup>62</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016].

Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia. p

<sup>63</sup> SAKURAI, Célia. 2013. *Op. Cit.* p 228-230.

suas vidas<sup>64</sup>. Em termos burocráticos, os *dekasseguis* tinham, como facilitador para conseguir visto, a “Emenda da Lei de Imigração (junho de 1990)”, que limitava a imigração de pessoas ao Japão que não fossem *Nikkeis*, sendo os países da América Latina a principal fonte fornecedora de mão de obra ao país asiático<sup>65</sup>.

Sobre este assunto, o entrevistado Márcio Yukio Nitta fala o que lhe motivou na primeira vez em que foi ao Japão:

**J. G. S.:** Então, a gente pode começar a entrevista com você falando teu nome, tua idade, data de nascimento, enfim, a coisa mais básica.

**M. Y. N.:** Bom, meu nome é Márcio Yukio Nitta, eu tenho 41 anos, nasci em Mandirituba, Paraná, e fui pro Japão em 91, fiquei lá 20 anos, juntando todas as idas e vindas, 20 anos.

**J. G. S.:** 20 anos? E o que te motivou pra ir pro Japão, a primeira vez que você foi?

**M. Y. N.:** Na primeira vez foi a família inteira, \*\*\* - choro de criança.

**J. G. S.:** Foi a passeio, foi a trabalho? \*\*\* - choro de criança.

**M. Y. N.:** Então, foi a trabalho e, meu pai, na época, teve o plano Collor lá né, pegou o dinheiro de todo mundo e ficou e teve uma crise no Brasil e meu pai achou melhor ir para o Japão trabalha.

**J. G. S.:** E você teve facilidade de conseguir o visto por ser descendente de japonês? Qual era tua geração?

**M. Y. N.:** Sim, é, sendo descendente de japonês, até terceira geração você consegue visto sabe, issei, nissei e sansei, então como eu sou neto de japonês, sansei, eu consegui (?), consigo até hoje<sup>66</sup>.

Algumas entidades auxiliavam aqueles que tinham interesse em trabalhar no Japão, dentre elas se destaca a Associação Brasileira de Dekassegui (ABD), fundada em 18 de agosto de 1997 na cidade de Curitiba, ainda com o nome de Associação de Apoio ao Dekasseguis.

Muitos *dekasseguis* utilizaram esta instituição, a qual tem como um de seus objetivos, promover ações de orientação e capacitação interagindo com entidades e afins<sup>67</sup>, para formalizar viagens a trabalho ao Japão.

As dificuldades desta jornada eram muitas. Conforme o entrevistado:

<sup>64</sup> KAWAMURA, Lili Katsuco. Para onde vão os brasileiros? – Imigrantes brasileiros no Japão. 2ª. Ed. Rev. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003.

<sup>65</sup> *Op. Cit.* KAWAMURA. p. 96-97.

<sup>66</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016]. Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

<sup>67</sup> Disponível em: < <http://www.abdnet.org.br>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

**J. G. S.:** E quando você chegou no Japão você já conhecia o idioma?

**M. Y. N.:** Bem pouco, por que (?), eu nasci aqui em Mandirituba e aqui em Mandirituba antigamente tinha uma colônia japonesa e eles, a gente tinha aula de japonês, então o básico eu sabia, tipo, escreve um tipo de escrita, como são 3 tipos de escrita, um tipo de escrita eu sabia, o básico, bom dia, boa tarde, boa noite, só também.

**J. G. S.:** E, quando você chegou no Japão que você começou a trabalhar, você sofreu algum tipo de preconceito das pessoas em geral, do japonês?

**M. Y. N.:** Bastante, bastante preconceito. Uma que, eles não acreditavam que no Brasil, um país tão distante, onde eles só conheciam a floresta amazônica né, ia aparecer japonês lá do Brasil, então eles discriminavam muito.

**J. G. S.:** E assim, quando você começou a trabalhar de fato, lá no Japão, por parte dos patrões, das lideranças das fábricas, eles discriminavam você por ser descendente? Ou por ser estrangeiro? Como era a relação tua com os patrões no caso?

**M. Y. N.:** Discriminavam... (?), uma que tem, eles queriam sentir o poder na mão deles né, então, e outra que você tinha a dificuldade da língua, você não entendia, então eles, com o stress deles lá, sempre cobravam mais da gente<sup>68</sup>.

O relato mostra que o idioma era uma das principais dificuldades enfrentadas pelos *dekasseguis* num primeiro contato com o ambiente de trabalho no Japão, além do preconceito sofrido. O relato de Marcio Nitta, no entanto, não é único e suas histórias são semelhantes às de muitos *dekasseguis* brasileiros, como mostra Galimberti<sup>69</sup> em que elementos como condições de trabalho, dificuldade de adaptação e diferenças culturais constituíram e por consequência marcaram aqueles que passaram pela experiência *dekassegui*.

Perguntado se conheceu algum caso em que outros *dekasseguis* sofressem com dificuldades semelhantes, Nitta responde:

**J. G. S.:** Entendi... E você, quando começou essa experiência de trabalho no Japão, você soube se algum colega teu, que veio junto com você, passou pelo mesmo tipo de coisa?

**M. Y. N.:** Sim, a maioria dos meus amigos que né, fiz muitas amizades no Japão nesses 20 anos, a maioria passou dificuldade, a maioria, as mesmas que eu, as vezes pior.

**J. G. S.:** Você lembra assim de algum caso envolvendo talvez você, talvez algum conhecido (?) mais extremo, que envolvesse uma agressão física, uma agressão verbal?

**M. Y. N.:** Eu tenho o meu vizinho sabe, que, ele caiu na tentação de besteira que, quando a gente foi embora daqui do Brasil, a turma ligava muito pra esse negócio de marca e esse rapaz caiu na tentação por que é muito fácil (?),

<sup>68</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016].

Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

<sup>69</sup> GALIMBERTTI, Percy. *Op. cit.* p 147-157.

dentro do shopping tem um monte de camiseta aí ele pensa “a se eu cortar essa etiqueta aqui não vai acontece nada”, pra colar a etiqueta numa camiseta normal, ele pegou e cortou a camiseta, na saída as câmeras filmaram, pegaram ele, foi pra delegacia, ficou preso lá um dia, dois dias, deportado, 4 dias depois tava sendo deportado do Japão.

**J. G. S.:** E você não teve mais notícias dele?

**M. Y. N.:** Depois de dez anos ele voltou, com muito advogado em cima, ele voltou pro Japão, só soube disso<sup>70</sup>.

O perfil sócio econômico dos *dekasseguis* brasileiros, residentes em Londrina, demonstrou, por exemplo, que a maioria dos descendentes tinham o nível médio ou superior de escolaridade e que a busca por trabalho constituía, naquele momento, a maior necessidade que os motivará a viajar ao Japão<sup>71</sup>.

Não somente os *dekasseguis*, mas trabalhadores brasileiros em geral que chegaram ao Japão no final da década de 1980 e início de 1990 tiveram impacto significativo nos locais onde ficaram. Não demorou muito para que novas oportunidades surgissem em meio ao fenômeno *dekassegu*, a maioria deles, porém direcionado a economia. *Nikkeis* que dominavam o idioma japonês tinham certa facilidade em arrumar trabalho em áreas que exploravam esse conhecimento, como por exemplo, tarefas de intermediação e recrutamento de pessoas.

Estas funções direcionavam os *dekasseguis* de acordo com as regiões onde era necessário pessoas fluentes no idioma japonês e português. A economia local também sentiu o impacto destes brasileiros, a maioria descendentes, e diversos negócios foram abertos com o objetivo de facilitar a vida dos trabalhadores, como quitandas, farmácias e restaurantes com temática brasileira<sup>72</sup>. Perguntado sobre que tipo de trabalho conseguiu na primeira vez em que foi ao Japão, em 1991, o entrevistado diz:

**J. G. S.:** E que tipo de emprego você conseguiu logo que você chegou no Japão?

**M. Y. N.:** No começo, quando eu cheguei, foi difícil encontrar emprego assim na área automobilística e eletrônica por que, por causa da idade, eu tinha 17,

<sup>70</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016].

Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

<sup>71</sup> *Ibid.* p 149-151.

<sup>72</sup> Op. Cit. KAWAMURA. p. 100-104.

então eu comecei numa fábrica pequena, de alimentos, então era meio que nas escuras lá e depois que eu entrei na automobilística<sup>73</sup>.

Após os primeiros contatos com a cultura japonesa, o entrevistado revela ocasiões que o ajudaram na sua adaptação naquele país:

**J. G. S.:** E quando que você voltou pro Japão depois dessa primeira experiência? Aliás, desculpa, quando que você voltou pro Brasil depois dessa primeira experiência?

**M. Y. N.:** Eu fiquei 4 anos lá na primeira vez, depois eu voltei uma vez, fiquei descansando aqui no Brasil uns 2 ou 3 meses, não lembro certinho quantos dias eu fiquei aqui, mas foi pouco tempo e já voltei pra lá, pra não perder o (?).

**J. G. S.:** E você chegou a se relacionar com alguma japonesa, você chegou a namora alguma japonesa?

**M. Y. N.:** Sim, sim...

**J. G. S.:** Namorou?

**J. G. S.:** E, mais ficou, foi um namoro mais formal ou informal?

**M. Y. N.:** Não... Formal, formal

**J. G. S.:** Formal?

**M. Y. N.:** Conheci a família e tal

**J. G. S.:** E como que era a relação da família dessa japonesa digamos assim com você? Tratavam bem, tratavam mal?

**M. Y. N.:** Como já foi no final, foi nos anos 2000 já, já era mais, já tinha passado a época do preconceito né e talvez por falar fluentemente o japonês também então deu uma assustada, já passava por japonês né.

**J. G. S.:** Entendi. E quando você já tava, digamos, adaptado a cultura japonesa, você percebia se o japonês típico, ele, qual que era o tratamento que ele dava pro descendente de japonês que ia pro Japão e pro estrangeiro, pro ocidental, no caso, existe o termo gaijin né, e como era o tratamento do japonês pro descendente e do japonês pro gaijin, tinha alguma diferença?

**M. Y. N.:** Tem diferença, o japonês é extremamente racista, então, até os japoneses que vieram pro Brasil são racistas, então, a gente herda, a gente cresce ouvindo isso daí, então lá no Japão não é diferente sabe, e como eu passava por japonês já, muitas vezes eu vi japoneses falando mal do brasileiro do meu lado, comentando comigo, falando mal de brasileiro, falando mal de americano. O japonês já leva essa rixa depois da segunda guerra mundial, como ele foi, entrou muita influência americana, os resistentes, eles não gostam dos Estados Unidos, não gostam de estrangeiro nenhum, mas graças a influencia dos Estados Unidos que o Japão se tornou a potencia, querendo ou não.

<sup>73</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016].

Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

As experiências do Sr. Nitta revelam, portanto, as dificuldades do processo de adaptação à cultura japonesa e também de que forma ele foi capaz de se inserir em ambientes tais como o trabalho e estabelecer relações tanto profissionais como afetivas. Dentre as dificuldades apresentadas no relato se destacam o aprendizado do idioma japonês e a discriminação no ambiente de trabalho conforme ele enfatiza:

**J. G. S.:** Interessante... E, mas voltando lá pra época que você chegou no Japão, que você tava enfrentando aquelas dificuldades, que tipo de discriminação que você sofria? Por exemplo? Era algum insulto, era algum olhar, algum gesto... Se quiser resumir pra gente...

**M. Y. N.:** Eles perguntavam primeiramente se aqui no Brasil usava roupa, se tinha televisão, se dormia na casa de oca, então eles tinham a ideia totalmente que a gente era índio, índio da Amazônia. Eles não sabiam que aqui no Brasil tinha carro, se bem que eu comecei a trabalhar com um monte de idosos, senhores, senhoras, então, é pior sabe, quanto mais antigo a pessoa, mais velha, elas tem mais rancor, mais (?), que já vem de uma segunda guerra, agora os jovens já não era tanto.

**J. G. S.:** E você, quando chegou no Japão, que tipo de instrução você procurou pra aprender o idioma? Você se matriculou ou foi por conta própria?

**M. Y. N.:** Eu... Fui por conta, por que eu me sentia muito humilhado sabe, com o japonês tirando sarro na tua cara, falando do lado ali com outra (?), você não poder responder, as vezes você entendia alguma coisinha, por que eu estudei aqui no Brasil né, você entendia alguma coisinha, mas não sabia responder, então ficava entupido aqui, então eu decidi, eu coloquei na minha cabeça que ia dar um jeito de aprender, então eu ligava a televisão, quero aprender, e como eu gostava de gibis né, os mangás, eu morava num alojamento que tinha 80 apartamentos de um lado e 80 de outro, e o lixo dos livros era um dia lá, e desse lado aqui só tinha 20 brasileiros e do outro 150 japoneses, então todo dia do lixo eu pegava aquele monte de revista, de mangá que a turma jogava fora, por que eles liam né, e joga fora, então eu pegava tudo aqueles mangá e ficava no meu quarto, eu lia um por um, começa a ler, só os que tinha a tradução, por que tem o kanji né, que é a letra japonesa lá, e do lado tinha o dialeto que eu sabia né, que é o katakana e hiragana né, que são duas letras diferentes, traduzindo a palavra, então traduzindo a palavra eu ligava com o desenhinho, ah, essa palavra é isso, então já ficava meio que gravado e assim foi, um ano, dois anos assim eu<sup>74</sup>.

Todavia, Nitta considera positiva sua trajetória no Japão, pois foi capaz de fazer amizades e, sobretudo, adquirir experiência profissional. Sobre se valia a pena trabalhar no Japão, ele responde:

<sup>74</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016].

Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

**J. G. S.:** legal, e uma coisa que eu tava esquecendo de perguntar, é o quanto que valia a pena trabalhar no Japão? O salário era muito superior ao que era praticado no Brasil? Era tão vantajoso assim?

**M. Y. N.:** Olha, tudo dependia do dólar, na época que tava mais ou menos igual aqui no Brasil sabe, ta hoje, ta 3 e alguma (?), sempre ta numa média aí de 3 reais pra cima, até 4 que chegou agora em 2016. E lá o salário tava muito bom, a hora, ta, hoje em dia lá no Japão eles ganham metade do que eu ganhava antigamente. Passando pra reais aqui, eu ganhava em torno de 15 mil, 10 mil a 15 mil reais, guardava<sup>75</sup>.

A experiência de Nitta bem como da maioria dos dekasseguis demonstra o que Hall qualifica como a busca por melhores condições materiais de vida, impulsionadas por um consumismo global, em que a distância entre Ocidente e Oriente esta situada apenas por uma “passagem aérea”<sup>76</sup>. Esta busca, todavia, não ficou restrita aos dekasseguis, isto é, entre descendentes de japoneses espalhados pelo mundo indo em direção ao Japão, mas foi observada, sobretudo, em países desenvolvidos a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, como os Estados Unidos, que foi alvo de imigrações contínuas, também houveram movimentações nesse sentido no Canadá, China, Coreia do Sul, além de vários países no continente europeu<sup>77</sup>.

### 3.3 A IDENTIDADE ENTRE OS *SANSEIS*

A palavra “*sansei*” tem origem no idioma japonês e significa “neto de japonês”, especificamente dos primeiros imigrantes a chegarem ao continente americano, os quais foram chamados de “*issei*” e seus filhos de “*nissei*”, portanto, os *sanseis* representam a terceira geração de imigrantes japoneses<sup>78</sup>. Na década de 1990, os descendentes consolidaram na capital paranaense diversos eventos que tinham por objetivo essencial promover a cultura e identidade japonesa, dentre eles os que mais se destacaram foram os *Matsuris*, festivais tradicionalistas com origem no Japão, e que também são celebrados em diversas partes do mundo<sup>79</sup>. Estes festivais eram

<sup>75</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016]. Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

<sup>76</sup> HALL, S. *op. cit.* p. 81.

<sup>77</sup> HALL, S. *op. cit.* p. 82.

<sup>78</sup> HANDA, Tomoo. O imigrante japonês: História de sua vida no Brasil. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

<sup>79</sup> Disponível em: <<http://www.japan-guide.com/e/e2063.html>>. Acessado em: 25 set. 2014.

organizados a partir da reunião de descendentes de japoneses residentes em Curitiba e também de outras cidades do Paraná, como Maringá e Londrina.

O primeiro *Matsuri* realizado em Curitiba ocorreu em junho de 1991 no bairro Uberaba, idealizado por Rui Hara e Claudio Seto, então presidente do *Ikkei* Clube na cidade e teve como objetivos, além de fomentar o comércio local, apresentar ao público em geral elementos da cultura japonesa, sobretudo a história dos primeiros imigrantes japoneses no Brasil através de uma adaptação das festas juninas.

Com a popularidade do evento, em setembro do mesmo ano foi elaborado o *Haru Matsuri* (festival da primavera) no mesmo local. Esta celebração, diferente da primeira adaptação, trazia consigo inspiração e planejamento semelhantes aos eventos japoneses, pois a popularidade dos festivais da primavera naquele país constituem uma oportunidade para a promoção da cultura japonesa, além de incentivar o comércio local<sup>80</sup>. Estes eventos, entretanto, não apenas movimentaram a economia, mas, sobretudo, difundiram elementos culturais japoneses, pois a abrangência da temática abordada em tais festivais contemplava, por exemplo, a música, teatro, gastronomia, artesanato e etc.

Dessa maneira, os *Matsuris* passaram a ser referência de eventos em que a cultura japonesa constituísse o foco da atração. Estes eventos tornaram-se também ocasiões em que os descendentes de japoneses pudessem se confraternizar, sendo possível, portanto, no caso dos *sanseis*, uma forma de resgatar e ter conhecimento da cultura dos seus ancestrais japoneses.

A questão da identidade para os *sanseis* e descendentes nipônicos em geral sempre esteve, de alguma maneira, vinculada ao seu próprio sentimento de pertencimento a uma ou outra cultura. Nesse sentido, eventos como os *Matsuris* ou o fenômeno *dekassegui* reforçam elementos culturais japoneses, ainda que eles estejam, em certa medida, resignificados ou adaptados a realidade brasileira ou dos indivíduos envolvidos no processo. Contudo, Hall (2000, p 95) adverte que na contrapartida da “homogeneização global” ocorre o “ressurgimento da etnia”, que consiste no florescimento não antecipado de lealdades étnicas no interior de minorias nacionais. A

---

<sup>80</sup> Disponível em: < <http://www.tadaimacuritiba.com.br/historia-dos-matsuris-de-curitiba/>>. Acessado em 01 nov. 2014.

etnia, portanto, tem se tornado uma das muitas categorias em torno das quais as comunidades livres de sanções institucionais tem se formado de maneira individual, isto é, sem distinvidade étnica institucionalizada<sup>81</sup>.

Como exemplo, para Nitta, o longo período em que permaneceu no Japão o influenciou ao ponto que ele considere o japonês sua primeira língua:

**J. G. S.:** E como que é o teu, a tua relação hoje com a cultura japonesa? Você conversa com alguém em japonês, você lê alguma coisa daquele idioma?

**M. Y. N.:** Sim, sim, meus pais, eles falam muito em japonês quando eu vou lá, por telefone a gente fala em japonês, eu tenho amigos japoneses que (?), ligam pra mim, por que eu trabalho ainda como tradutor, faço *freelancer*, e atendo duas empresas aqui na região de Curitiba, e sou tradutor deles ainda, tenho meu emprego mas, quando eles vem, a diretoria de lá, eu faço a tradução pra eles ainda, e só ouço música japonesa no meu rádio, pra não perder, mas eu descobri que agora eu acho que não vou perder mais, por que eu acho que ainda é a primeira língua minha, por que muitas palavras em português não vem pra mim, eu tenho que pensar em japonês primeiro pra depois sair o português, e muitas vezes (?), falta no meu vocabulário, eu não sei a tradução em português, descobri isso

Perguntado como se sentia em relação a ser mais brasileiro ou japonês ele responde:

**J. G. S.:** E depois que você passou esse tempo, que você dominou o idioma lá no Japão e etc. Como que você passou a se sentir em relação a ta inserido dentro da cultura do japonês, como que você se via? Você se via um brasileiro mais brasileiro ou de repente você começou a se sentir japonês, digamos assim?

**M. Y. N.:** Eu não sei o resto dos dekasseguis que foram lá na época, mas eu sou um apaixonado pela cultura japonesa, e depois que eu descobri muitas coisas sobre minha família, meus ancestrais, eu me sentia mais japonês, mais japonês, tanto que mais metade da minha vida eu passei lá, até hoje eu me sinto mais japonês do que brasileiro<sup>82</sup>.

Portanto, após alguns anos vivendo no Japão, o entrevistado revela que não sentia mais vontade de retornar ao Brasil:

<sup>81</sup> HALL, S. *Op. cit.* p. 95-96.

<sup>82</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016]. Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

**J. G. S.:** Então você chegou ao ponto de que você se identificava completamente com a cultura japonesa né?

**M. Y. N.:** Sim, eu não tinha vontade de voltar pro Brasil, não tinha, minha intenção era ficar lá.

Todavia, em virtude da crise que abalou o Japão a partir de 2008<sup>83</sup>, Nitta logo passou a sentir os efeitos negativos desse período e resolveu retornar ao Brasil:

**J. G. S.:** Você chegou a constituir família lá no Japão?

**M. Y. N.:** Sim, eu casei uma vez lá, casei né, meus filhos nasceram lá, dois filhos nasceram lá, depois como a crise pegou, eu trabalhava como dekassegui né, eu, a gente passou dificuldade, tava acabando os serviços bons, bons serviços tavam acabando né, a indústria automobilística deu uma fracassada, o mundo inteiro deu né, e os salários, diferente do Brasil, o salário lá baixa, cai sabe, não tem, aqui no Brasil o salário do cara é tanto, já não pode baixar mais, não existe isso sabe, se hoje você ganha, é a hora, se você ganha 1000 a hora, amanhã pode baixar pra 500 a hora.

**J. G. S.:** E isso que você passou no caso já é mais no final aí do...

**M. Y. N.:** Isso, é mais no final

**J. G. S.:** Da tua experiência lá por 2008, 2009.

**M. Y. N.:** Isso, 2010, por aí, 2008 a 2010, pegou a crise no Japão.

**J. G. S.:** Você começou a sentir esse efeito lá no Japão?

**M. Y. N.:** Sim, o que eu tinha juntado (?), todo mundo vai com uma intenção, juntar dinheiro, quando eu já tava gastando o que eu já tinha guardado, daí eu resolvi...

**J. G. S.:** E com o dinheiro que você ganhou nesse período que você trabalhou no Japão, deu pra conquistar alguma coisa aqui no Brasil, deu pra você comprar tua casa e etc.?

**M. Y. N.:** Sim, deu pra comprar minha casa, um carro, mais bens até<sup>84</sup>.

Após o retorno ao Brasil, Nitta continuou tendo contato com amigos japoneses residentes no Japão bem como continuou empregado numa empresa multinacional, o que em termos, facilitou sua readaptação ao cenário brasileiro:

**J. G. S.:** Entendi... E como que foi a tua, o teu retorno pro Brasil, depois de ter passado tanto tempo no Japão, como que foi voltar pro Brasil e se deparar com a realidade do Brasil né, que é diferente aí do Japão?

**M. Y. N.:** Eu não senti tanto por que eu voltei em definitivo pra trabalhar numa empresa japonesa, numa multinacional, fazendo a tradução, então, como eu convivia só com japoneses, eu não senti tanto, fui me adaptando aos poucos né, fazendo a tradução pra ele e convivendo no Brasil, então os amigos que eu tinha, na época, 1990.

<sup>83</sup> Disponível em: < <http://g1.globo.com/Noticias/Economia> > Acesso em: 08 abr. 2016.

<sup>84</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016].

Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

Já estabilizado no Brasil, Nitta, entretanto, ainda pensa em voltar ao Japão, seja por turismo ou eventualmente a trabalho:

**J. G. S.:** E você pensa em voltar pro Japão? De repente a turismo...

**M. Y. N.:** Sim, pretendo, tenho muita saudade da comida, não esse sushi, esses yakisobas que a turma come aqui e adora, nossa (?), eu sinto saudade da culinária japonesa mesmo, que é regional, como aqui no Brasil sabe, churrasco no Rio Grande do Sul, acarajé na Bahia, vaca atolada não sei aonde, lá no Japão existe muito isso também sabe, por região tem uma comida típica, e eu sinto muita saudade da comida da região de Kansai, no centro do Japão, perto de Osaka, que é outra língua também sabe, eles falam japonês, o japonês é muito rico em idiomas, dialetos também, então é bem interessante sabe.

**J. G. S.:** Mas você pensa em voltar pro Japão? Ou você já tem alguma coisa planejada?

**M. Y. N.:** Eu penso, eu to tentando um intercambio agora pelo governo do Brasil sabe, tem um órgão lá de Brasília lá que ele manda pro pessoal daqui (?), pro pessoal que é funcionário público, estuda no Japão... Pra depois trazer o conhecimento do Japão pras prefeituras e municípios do Brasil, tem esse intercambio, então eu me inscrevi nesse intercambio, já passei nas duas, segunda etapa já, e se der certo pretendo ir pra intercambio e futuramente pretendo ir a turismo, levar minha família<sup>85</sup>.

Estas respostas revelam, por assim dizer, pontos em que o entrevistado sugere ter absorvido elementos centrais da cultura japonesa, como o idioma e a culinária por exemplo.

Após ter se familiarizado com a cultura japonesa, Nitta foi capaz de conviver com relativa facilidade entre os japoneses, construiu relações pessoais e profissionais que, mesmo após seu retorno ao Brasil, fazem parte do seu cotidiano. Em contraste com esta experiência, outros *dekasseguis* não obtiveram a mesma integração e já no início de sua jornada sentiram efeitos nocivos, desenvolvendo patologias psíquicas tais como sofrimento emocional, depressão, ansiedade etc.<sup>86</sup>.

Em síntese, a questão da identidade entre os *sanseis* ou descendentes nipônicos em geral revela que há uma preocupação no sentido de resgatar elementos culturais japoneses e adapta-los as suas respectivas realidades, estejam eles

<sup>85</sup> NITTA, Márcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016].

Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item Anexo desta monografia.

<sup>86</sup> GALIMBERTTI, Percy. *Op. Cit.* p 32-40.

vivenciando uma experiência no Japão ou participando de algum evento cultural no Brasil, como os *matsuris* por exemplo.

Para Hall, a globalização não parece estar produzindo nem o triunfo e tão pouco a persistência num nacionalismo em sua velha forma. Desta maneira, o deslocamento dos indivíduos inseridos na conjuntura global, mostram-se mais variados e contraditórios<sup>87</sup> e a modernidade tardia ainda pode oferecer muitos exemplos de identidades a serem descobertos<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> HALL, S. *Op. Cit.* p 96-97.

<sup>88</sup> HALL, S. *Op. Cit.* p 89.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo imigratório japonês, que teve como principal objetivo inicial suprir a demanda de mão de obra das lavouras de café no interior do Estado de São Paulo, foi capaz não somente de contribuir com o trabalho local, mas também mostrar aos brasileiros o quanto um povo pode ser diferente do outro em termos culturais. Este contraste cultural, porém, apresentou seu lado obscuro, tendo em vista que os japoneses foram alvo de discriminação étnica bem como políticas que tinham por principal objetivo limitar a prática de sua cultura.

Essas diferenças, no entanto, não significaram a impossibilidade da criação de relacionamentos entre brasileiros e japoneses, os quais aprenderam cada um a sua maneira, a respeitar e, sobretudo, reconhecer tais distinções bem como suas limitações e implicações. Embora tenham ocorrido tensões entre brasileiros e japoneses, principalmente no período da Segunda Guerra Mundial, os nipônicos conseguiram se estabelecer no país, iniciando um novo processo migratório, isto é, movimentando-se em todas as regiões do Brasil.

Os Estados que tiveram uma presença mais significativa de japoneses e seus descendentes foram São Paulo e Paraná, locais em que foi possível a participação dos nipônicos em todas as esferas do mundo social. Sua cultura, portanto, pode ser notada por um número maior de pessoas, enriquecendo desta maneira a já diversificada cultura brasileira. Empreendimentos comerciais, agrícolas e até mesmo industriais constituíram algumas realizações dos japoneses dentro do país e nesse sentido ajudaram a consolidar as relações entre Japão e Brasil.

As décadas de 1980 e 1990 evidenciaram a forma positiva como a cultura japonesa passou a ser vista pelos brasileiros. Exemplo significativo disso se refere às inúmeras produções televisivas feitas por japoneses e para japoneses que alcançaram grande sucesso no Brasil. Outro aspecto deste processo foi o chamado fenômeno *dekassegui*, que possibilitou a muitos brasileiros, a maioria descendente de japoneses, fazer o caminho inverso de seus antepassados, ou seja, se tornarem imigrantes num Japão completamente diferente daquele que era imaginado até então, pois a globalização modificou de inúmeras formas a sociedade japonesa contemporânea.

Apesar das dificuldades, porém, muitos *dekasseguis* tiveram êxito em suas jornadas que visavam principalmente o desenvolvimento e estabilização material, tendo inclusive investido parte destes recursos no Brasil, modificando, portanto, as cidades onde se localizavam. Este processo ainda pode ser notado em várias cidades do país, sobretudo aquelas em que se instalaram os primeiros imigrantes japoneses como Mogi das Cruzes, Bastos, Londrina, Maringá, dentre outras.

O estudo do processo imigratório japonês permite compreender o quanto podem ser diversas as relações humanas e o quanto elas podem ser positivas, apesar de eventualmente apresentar tensões e até mesmo violência. No caso dos japoneses no Brasil, os aspectos positivos foram muitos e àquele povo tão diferente em termos culturais foi capaz de se adaptar a realidade brasileira. Isso reforça a visão que temos de um Brasil que sabe viver em relativa paz dentro de sua imensa diversidade cultural. A entrevista realizada para este trabalho revelou aspectos interessantes da experiência *dekassegui* e em particular, do entrevistado, como por exemplo, o sentimento que este possui de maior pertencimento a cultura japonesa do que à brasileira.

Graças às explicações de Stuart Hall e Clifford Geertz, foi possível identificar alguns pontos que tornam tais sentimentos relativamente compreensíveis. Se a cultura é uma teia na qual os atores estão, de certa forma, conectados, então é possível que ocorram transformações na medida em que há convivência entre culturas diferentes. A identidade, porém, pode eventualmente percorrer o caminho inverso, isto é, tentativas de retornar ao original ou de preservação de elementos culturais de seu país de origem. Notei a ocorrência de todos estes aspectos no processo imigratório japonês, desde a enigmática Shindo Renmei até os alegres *Matsuris*, em que, cada um a sua maneira, apresenta para o público, elementos culturais japoneses que até então só estavam disponíveis na terra do sol nascente.

Por meio do método e teoria da história oral sugerido por Paul Thompson, foi possível delimitar a entrevista e inseri-la dentro de um panorama geral em que o entrevistado contou sua experiência enquanto *dekassegui* e revela a sua admiração pela cultura nipônica e ainda trechos em que estão explícitos o seu sentimento de pertencimento ao Japão, mostrando, portanto, as implicações, contradições e consequências de um processo imigratório na pós modernidade.

Tais constatações podem abrir margem para estudos com mais pessoas e em diferentes situações, tendo em vista que o fenômeno *dekassegui* é recente e ainda existem brasileiros passando por esta experiência.

## FONTES

BRASIL, Rio de Janeiro. Diário Oficial da União – Seção 1 – 19/4/1938, página 7357. Decreto-lei nº 383, de 18 de abril de 1938. Disponível em: <[www2.camara.leg.br](http://www2.camara.leg.br)> Acesso em 06 jun 2016.

IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 01 jun 2016.

Lei estadual nº. 9213, de 26 de janeiro de 1990. Publicado no Diário Oficial no. 3192 de 29 de Janeiro de 1990. Disponível em: <[www.legislacao.pr.gov.br](http://www.legislacao.pr.gov.br)> Acesso em: 10 mar 2015.

Lei Municipal nº 158 de 17 de abril de 1998. Fazenda Rio Grande - PR. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br>> Acesso em: 10 mar 2015.

Revista Lumina - PPGCOM – UFJF ISSN: 1981- 4070. Disponível em: <<http://lumina.ufjf.emnuvens.com.br>> Acesso em: 06 jun 2016.

NITTA, Marcio Yukio. Entrevista concedida por NITTA, Marcio Yukio. Entrevista I. [mar. 2016]. Entrevistador: João Gilberto Solano, Fazenda Rio Grande, 2016. 1 arquivo .mp4 (23 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no item 7 Anexo desta monografia.

MYLLE, Silva. História dos Maturis de Curitiba. Disponível em: <<http://www.tadaimacuritiba.com.br/>> Acesso em: 07 jun 2016.

Associação Brasileira de Dekasseguis. Disponível em: <<http://www.abdnet.org.br/>> Acesso em: 25 ago 2014.

Guia Japão. Disponível em: <<http://www.japan-guide.com>> Acesso em: 25 set 2014.

Prefeitura Municipal de Fazenda Rio Grande; Disponível em: <<http://www.fazendariogrande.pr.gov.br>> Acesso em: 25 set 2014.

IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010; Disponível em: <<http://www.cidades.ibge.gov.br>> Acesso em: 10 mar 2015.

MIYAZAKI, Silvio. O Comércio Bilateral Brasil-Japão: passividade no contexto do novo regionalismo asiático. Disponível em: <<http://fjsp.org.br/>> Acesso em: 10 mar 2015.

Japão vive pior crise econômica desde a Segunda Guerra Mundial. Disponível em: <<http://g1.globo.com/>> Acesso em: 08 abr. 2016.

## REFERENCIAS

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HALL, Stuart. *Pensando a diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior*. In: Da diáspora, identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

WAWZYNIAK, Sidinalva Maria dos Santos. Histórias de estrangeiro: passos e traços de imigrantes japoneses (1908-1970). Tese (doutorado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História. Curitiba, 2004.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil, 2ª. Edição*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fundação do Desenvolvimento da Educação, 1995 (Didática I) ISBN: 85-314-0240-9.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 3a ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

SETO, Cláudio; UYEDA, Maria Helena. *Ayumi (caminhos percorridos) memorial da imigração japonesa*: Curitiba e litoral do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2011.

Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

LESSER, Jeff. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Tradução Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres – São Paulo: Editora UNESP, 2001.

TORRES FILHO, E. T. *A Crise da Economia Japonesa nos Anos 90: Impactos da Bolha Especulativa*. Revista de Economia Política, v. 17, p. 1-19, 1997. Disponível em: <<http://www.rep.org.br/>> Acesso em: 14 jun 2016.

HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: História de sua vida no Brasil*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

SAKURAI, Celia. *Imigração japonesa para o Brasil: um exemplo de imigração tutelada*. In: FAUSTO, Boris. *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1999.

SAKURAI, Celia. *Imigração tutelada: os japoneses no Brasil*. Campinas, SP. 2000. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências humanas.

SAKURAI, Célia. *Os japoneses*. 2ª. Edição, 1ª. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013. ISBN 978-85-7244-378-4. p 205-209.

GALIMBERTTI, Percy. *O caminho que o dekassegui sonhou (Dekassegui no yumê-ji): cultura e subjetividade no movimento dekassegui*. São Paulo: EDUC/FAPESP; Londrina: Ed. UEL, 2002.

KAWAMURA, Lili Katsuco. *Para onde vão os brasileiros? – Imigrantes brasileiros no Japão*. 2ª. Ed. Rev. Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2003.

DA SILVA, Carlos Leonardo Bahiense. *Em nome do imperador: reflexões sobre a Shindo Renmei e sua campanha pela preservação da etnicidade japonesa no Brasil (1937-1950)*. Rio de Janeiro, UFRRJ, 2004 (Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Disponível em <r1.ufrj.br> Acesso em: 07 jun 2016.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das Oligarquias*. Uma revisão da “política do café com leite”. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. Resenha de NEGRO, Antônio Luigi; BRITO, Jonas. A Primeira República muito além do café com leite. Topoi. Revista de História, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 197-201, jan./jun. 2013. Disponível em: <www.revistatopoi.org> Acesso em: 07 jun 2016.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História Oral*. Tradução: Lólio Lorenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

SHIZUNO, Elena. *Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: os imigrantes japoneses e a DOPS na década de 40*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade Federal do Paraná. p 46-49. Disponível em <acervodigital.ufpr.br> Acesso em: 06 jun 2016.

Normas técnicas: elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos-científicos. Universidade Tuiuti do Paraná. 3ª. Ed, Curitiba: UTP, 2012. 160 p. ISBN 85-88959-16-X. Disponível em <www.utp.br> Acesso em: 07 jun 2016.

## GLOSSÁRIO

*Dekassegui*: São trabalhadores migrantes. É um termo japonês que designa o trabalhador estrangeiro que vive no Japão. In: FRÉDERIC, Louis. O Japão: Dicionário e civilização / Louis Frédéric; tradução Álvaro David Hwang; revisão técnica Jorge Júnior do Prado e Jussara Kazue Ichioka. – São Paulo, 2008. ISBN: 978-85-250-4616-1. p 220

*Issei*: Primeira geração de japonês que emigra para o Brasil. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>> Acesso em 07 jun 2016.

*Freelancer*: Trabalhador autônomo. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>> Acesso em: 07 jun 2016.

*Kansai*: Região de Kansai, é uma das regiões da ilha de Honshu, Japão. In: FRÉDERIC, Louis. O Japão: Dicionário e civilização / Louis Frédéric; tradução Álvaro David Hwang; revisão técnica Jorge Júnior do Prado e Jussara Kazue Ichioka. – São Paulo, 2008. ISBN: 978-85-250-4616-1. p 603.

*Matsuri*: Festivais de cultura japonesa realizados no Japão ou em regiões com grande quantidade de Nikkeis. In: FRÉDERIC, Louis. O Japão: Dicionário e civilização / Louis Frédéric; tradução Álvaro David Hwang; revisão técnica Jorge Júnior do Prado e Jussara Kazue Ichioka. – São Paulo, 2008. ISBN: 978-85-250-4616-1. p 768.

Nipônico: Natural do Japão, sinônimo de japonês. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 07 jun 2016.

*National Kid*: Seriado japonês produzido entre 1960 e 1961. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/>> Acesso em 07 jun 2016.

*Nikkei/nikkey*: Designação da língua japonesa para se referir a japoneses residentes fora do Japão. Disponível em: <<http://dicionario.babylon.com>> Acesso em: 07 jun 2016.

*Nissei*: Filhos de imigrantes japoneses nascidos no Brasil. Disponível em <<http://www.dicio.com.br/>> Acesso em: 07 jun 2016.

Osaka: Cidade japonesa na ilha de Honshu. In: FRÉDERIC, Louis. O Japão: Dicionário e civilização / Louis Frédéric; tradução Álvaro David Hwang; revisão técnica Jorge Júnior do Prado e Jussara Kazue Ichioka. – São Paulo, 2008. ISBN: 978-85-250-4616-1. p 931.

*Sansei*: Terceira geração de japoneses nascidos no Brasil. Disponível em <<http://www.dicionarioinformal.com.br/>> Acesso em: 07 jun 2016.

**ANEXO****ENTREVISTA COM MÁRCIO YUKIO NITTA****DATA: 10 de março de 2016**

Entrevistados: Márcio Yukio Nitta

Endereço: Rua Abílio Juliano, 89 – pioneiros. Fazenda Rio Grande - PR

Telefone: (041) 3060-7209

Data: 10/03/2016

Entrevistador: João Gilberto Solano

Transcrição/ Digitação: João Gilberto Solano

Revisão: João Gilberto Solano

Autorização: Cedida em 10 de março de 2016.

## AUTORIZAÇÃO

Eu, MARCO JULIO NITTA, portador do  
RG 5669239-8 Residente à Rua ABILEO JULIANO Nº 89 Fone  
30607209, autorizo o Centro de Referência Documental do Curso ( CRDOC), da  
Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, do Curso de História da Universidade  
Tuiuti do Paraná a utilizar a entrevista concedida por mim ao/a pesquisador/a  
\_\_\_\_\_, no dia \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de  
\_\_\_\_\_, para fins de pesquisa e futuras publicações.

MARCO JULIO NITTA  
Nome do cedente

Curitiba, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

## LEGENDAS:

J. G. S. - João Gilberto Solano

M. Y. N. – Márcio Yukio Nitta

( ? ) - Palavra ininteligível /Dúvida na grafia [palavras, nomes estrangeiros, etc. ]

( \_\_\_ ) – Dúvida na reflexão

..... - Pausa para reflexão

\*\*\* - Interferência: campainha, telefone, buzina, cachorro, áudio, etc.

[ Risos ]

[ Choro ]

**[Início da gravação]**

J. G. S. - Então, a gente pode começar a entrevista com você falando teu nome, tua idade, data de nascimento, enfim, a coisa mais básica.

M. Y. N. – Bom, meu nome é Márcio Yukio Nitta, eu tenho 41 anos, nasci em Mandirituba, Paraná, e fui pro Japão em 91, fiquei lá 20 anos, juntando todas as idas e vindas, 20 anos.

J. G. S. – 20 anos? E o que te motivou pra ir pro Japão, a primeira vez que você foi?

M. Y. N. – Na primeira vez foi a família inteira, \*\*\* - choro de criança.

J. G. S. – Foi a passeio, foi a trabalho? \*\*\*- choro de criança.

M. Y. N. – Então, foi a trabalho e, meu pai, na época, teve o plano Collor lá né, pegou o dinheiro de todo mundo e ficou e teve uma crise no Brasil e meu pai achou melhor ir para o Japão trabalha.

J. G. S. – E você teve facilidade de conseguir o visto por ser descendente de japonês? Qual era tua geração?

M. Y. N. – Sim, é, sendo descendente de japonês, até terceira geração você consegue visto sabe, issei, nissei e sansei, então como eu sou neto de japonês, sansei, eu consegui (?), consigo até hoje.

J. G. S. – E que tipo de emprego você conseguiu logo que você chegou no Japão?

M. Y. N. – No começo, quando eu cheguei, foi difícil encontrar emprego assim na área automobilística e eletrônica por que, por causa da idade, eu tinha 17, então eu comecei numa fábrica pequena, de alimentos, então era meio que nas escuras lá e depois que eu entrei na automobilística.

J. G. S. – E quando você chegou no Japão você já conhecia o idioma?

M. Y. N. – Bem pouco, por que (?), eu nasci aqui em Mandirituba e aqui em Mandirituba antigamente tinha uma colônia japonesa e eles, a gente tinha aula de japonês, então o básico eu sabia, tipo, escreve um tipo de escrita, como são 3 tipos de escrita, um tipo de escrita eu sabia, o básico, bom dia, boa tarde, boa noite, só também.

J. G. S. – E, quando você chegou no Japão que você começou a trabalhar, você sofreu algum tipo de preconceito das pessoas em geral, do japonês?

M. Y. N. – Bastante, bastante preconceito. Uma que, eles não acreditavam que no Brasil, um país tão distante, onde eles só conheciam a floresta amazônica né, ia aparecer japonês lá do Brasil, então eles discriminavam muito.

J. G. S. – E assim, por que que você acha que existia espaço pra descendentes de japoneses, no caso que nasceram no Brasil, trabalhar no Japão?

M. Y. N. – Uma por que o povo japonês ta envelhecendo muito né, então, e os jovens naquela época, até hoje é, os jovens naquela época, eles não se interessavam em trabalhar de fábrica, e como naquela época, 80,90, tava o “boom” que falavam, o Japão tava em ascensão, chegou quase em primeiro do mundo. A indústria tava muito forte precisava muito de mão-de-obra, daí, levamos a sorte de chegar lá, e empregos a preço de ouro né, a hora.

J. G. S. – E você disse que chegou com tua família a primeira vez que você foi, quem mais da tua família teve, que arrumou emprego logo direto?

M. Y. N. – O meu pai, minha mãe, daí meus tios foram também, tem uns 4 ou 5 tios que foram na mesma época, e primos.

J. G. S. – E todos eles foram, de todos esses teus parentes, no caso, moravam em Mandirituba na época?

M. Y. N. – Alguns moravam aqui em Mandirituba, alguns moravam em Minas Gerais, moravam em Siqueira Campos, aqui no interior do Paraná.

J. G. S. – E assim, quando você começou a trabalhar de fato, lá no Japão, por parte dos patrões, das lideranças das fábricas, eles discriminavam você por ser descendente? Ou por ser estrangeiro? Como era a relação tua com os patrões no caso?

M. Y. N. – Discriminavam... (?), uma que tem, eles queriam sentir o poder na mão deles né, então, e outra que você tinha a dificuldade da língua, você não entendia, então eles, com o stress deles lá, sempre cobravam mais da gente.

J. G. S. – E você demorou quanto tempo pra poder dominar a língua?

M. Y. N. – Eu...

J. G. S. – Se você chegou em 91...

M. Y. N. – 3 anos

J. G. S. – 3 anos?

M. Y. N. – 3 anos, por que eu me dediquei sabe, mas tem gente que ta lá há 20 anos e não aprendeu sabe, não consegue fala, por que na época que eu cheguei não tinha brasileiro lá, não tinha muito brasileiro, então eu tive que me vira né, a primeira fábrica tinha 70 japoneses e 2 brasileiros, eu e meu irmão, e na outra fábrica tinha 1600 brasileiros, é... Japoneses e 20 brasileiros.

J. G. S. – Entendi... E você, quando começou essa experiência de trabalho no Japão, você soube se algum colega teu, que veio junto com você, passou pelo mesmo tipo de coisa?

M. Y. N. – Sim, a maioria dos meus amigos que né, fiz muitas amizades no Japão nesses 20 anos, a maioria passou dificuldade, a maioria, as mesmas que eu, as vezes pior.

J. G. S. – Você lembra assim de algum caso envolvendo talvez você, talvez algum conhecido (?) mais extremo, que envolvesse uma agressão física, uma agressão verbal?

M. Y. N. – Eu tenho o meu vizinho sabe, que, ele caiu na tentação de besteira que, quando a gente foi embora daqui do Brasil, a turma ligava muito pra esse negócio de marca e esse rapaz caiu na tentação por que é muito fácil (?), dentro do shopping tem um monte de camiseta aí ele pensa “a se eu cortar essa etiqueta aqui não vai acontece nada”, pra colar a etiqueta numa camiseta normal, ele pegou e cortou a camiseta, na saída as câmeras filmaram, pegaram ele, foi pra delegacia, ficou preso lá um dia, dois dias, deportado, 4 dias depois tava sendo deportado do Japão.

J. G. S. – E você não teve mais notícias dele?

M. Y. N. – Depois de dez anos ele voltou, com muito advogado em cima, ele voltou pro Japão, só soube disso.

J. G. S. – E depois que você passou esse tempo, que você dominou o idioma lá no Japão e etc. Como que você passou a se sentir em relação a ta inserido dentro da cultura do japonês, como que você se via? Você se via um brasileiro mais brasileiro ou de repente você começou a se sentir japonês, digamos assim?

M. Y. N. – Eu não sei o resto dos dekasseguis que foram lá na época, mas eu sou um apaixonado pela cultura japonesa, e depois que eu descobri muitas coisas sobre minha família, meus ancestrais, eu me sentia mais japonês, mais japonês, tanto que mais metade da minha vida eu passei lá , até hoje eu me sinto mais japonês do que brasileiro.

J. G. S. – E esse interesse que você tinha em de repente visitar o Japão, ele já existia antes de 1991? Ou você, foi uma coisa ali de ocasião? Que você falou que a família

tava sofrendo uma crise e tal e precisou ir pro Japão né, pra tentar ganhar mais dinheiro digamos assim. Ou você já tinha um interesse assim pela cultura...

M. Y. N. – Eu gostava da cultura japonesa, principalmente do baseball né, por que eu jogava baseball quando eu tava aqui no Brasil, e o Japão sempre foi o primeiro e segundo do ranking e tal do baseball, e a gente tinha sempre um jornal japonês que a gente lia que, parecia fotos dos times e eu tinha vontade de conhecer, mas nada que fosse concretizando (?), aquela vontadezinha.

J. G. S. – E quando que você voltou pro Japão depois dessa primeira experiência? Aliás, desculpa, quando que você voltou pro Brasil depois dessa primeira experiência?

M. Y. N. – Eu fiquei 4 anos lá na primeira vez, depois eu voltei uma vez, fiquei descansando aqui no Brasil uns 2 ou 3 meses, não lembro certinho quantos dias eu fiquei aqui, mas foi pouco tempo e já voltei pra lá, pra não perder o (?).

J. G. S. – E você chegou a se relacionar com alguma japonesa, você chegou a namora alguma japonesa?

M. Y. N. – Sim, sim...

J. G. S. – Namorou?

J. G. S. – E, mais ficou, foi um namoro mais formal ou informal?

M. Y. N. – Não... Formal, formal

J. G. S. – Formal?

M. Y. N. – Conheci a família e tal

J. G. S. – E como que era a relação da família dessa japonesa digamos assim com você? Tratavam bem, tratavam mal?

M. Y. N. – Como já foi no final, foi nos anos 2000 já, já era mais, já tinha passado a época do preconceito né e talvez por falar fluentemente o japonês também então deu uma assustada, já passava por japonês né.

J. G. S. – Entendi. E quando você já tava, digamos, adaptado a cultura japonesa, você percebia se o japonês típico, ele, qual que era o tratamento que ele dava pro descendente de japonês que ia pro Japão e pro estrangeiro, pro ocidental, no caso, existe o termo gaijin né, e como era o tratamento do japonês pro descendente e do japonês pro gaijin, tinha alguma diferença?

M. Y. N. – Tem diferença, o japonês é extremamente racista, então, até os japoneses que vieram pro Brasil são racistas, então, a gente herda, a gente cresce ouvindo isso daí, então lá no Japão não é diferente sabe, e como eu passava por japonês já, muitas vezes eu vi japoneses falando mal do brasileiro do meu lado, comentando comigo, falando mal de brasileiro, falando mal de americano. O japonês já leva essa rixa depois da segunda guerra mundial, como ele foi, entrou muita influência americana, os resistentes, eles não gostam dos Estados Unidos, não gostam de estrangeiro nenhum, mas graças a influencia dos Estados Unidos que o Japão se tornou a potencia, querendo ou não.

J. G. S. – Então você chegou ao ponto de, que você se identificava completamente com a cultura japonesa né?

M. Y. N. – Sim, eu não tinha vontade de voltar pro Brasil, não tinha, minha intenção era ficar lá.

J. G. S. – Você chegou a constituir família lá no Japão?

M. Y. N. – Sim, eu casei uma vez lá, casei né, meus filhos nasceram lá, dois filhos nasceram lá, depois como a crise pegou, eu trabalhava como dekassequi né, eu, a gente passou dificuldade, tava acabando os serviços bons, bons serviços tavam acabando né, a indústria automobilística deu uma fracassada, o mundo inteiro deu né, e os salários, diferente do Brasil, o salário lá baixa, cai sabe, não tem, aqui no Brasil o

salário do cara é tanto, já não pode baixar mais, não existe isso sabe, se hoje você ganha, é a hora, se você ganha 1000 a hora, amanhã pode baixar pra 500 a hora.

J. G. S. – E isso que você passou no caso já é mais no final aí do...

M. Y. N. – Isso, é mais no final

J. G. S. – Da tua experiência lá por 2008, 2009.

M. Y. N. – Isso, 2010, por aí, 2008 a 2010, pegou a crise no Japão.

J. G. S. – Você começou a sentir esse efeito lá no Japão?

M. Y. N. – Sim, o que eu tinha juntado (?), todo mundo vai com uma intenção, juntar dinheiro, quando eu já tava gastando o que eu já tinha guardado, daí eu resolvi...

J. G. S. – E com o dinheiro que você ganhou nesse período que você trabalhou no Japão, deu pra conquistar alguma coisa aqui no Brasil, deu pra você comprar tua casa e etc.?

M. Y. N. – Sim, deu pra comprar minha casa, um carro, mais bens até.

J. G. S. – Entendi... E como que foi a tua, o teu retorno pro Brasil, depois de ter passado tanto tempo no Japão, como que foi voltar pro Brasil e se deparar com a realidade do Brasil né, que é diferente aí do Japão?

M. Y. N. – Eu não senti tanto por que eu voltei em definitivo pra trabalhar numa empresa japonesa, numa multinacional, fazendo a tradução, então, como eu convivia só com japoneses, eu não senti tanto, fui me adaptando aos poucos né, fazendo a tradução pra ele e convivendo no Brasil, então os amigos que eu tinha, na época, 1990.

J. G. S. – E como que é o teu, a tua relação hoje com a cultura japonesa? Você conversa com alguém em japonês, você lê alguma coisa daquele idioma?

M. Y. N. – Sim, sim, meus pais, eles falam muito em japonês quando eu vou lá, por telefone a gente fala em japonês, eu tenho amigos japoneses que (?), ligam pra mim, por que eu trabalho ainda como tradutor, faço *freelancer*, e atendo duas empresas aqui na região de Curitiba, e sou tradutor deles ainda, tenho meu emprego mas, quando eles vem, a diretoria de lá, eu faço a tradução pra eles ainda, e só ouço música japonesa no meu rádio, pra não perder, mas eu descobri que agora eu acho que não vou perder mais, por que eu acho que ainda é a primeira língua minha, por que muitas palavras em português não vem pra mim, eu tenho que pensar em japonês primeiro pra depois sair o português, e muitas vezes (?), falta no meu vocabulário, eu não sei a tradução em português, descobri isso.

J. G. S. – E você pensa em voltar pro Japão? De repente a turismo...

M. Y. N. – Sim, pretendo, tenho muita saudade da comida, não esse sushi, esses yakisobas que a turma come aqui e adora, nossa (?), eu sinto saudade da culinária japonesa mesmo, que é regional, como aqui no Brasil sabe, churrasco no Rio Grande do Sul, acarajé na Bahia, vaca atolada não sei aonde, lá no Japão existe muito isso também sabe, por região tem uma comida típica, e eu sinto muita saudade da comida da região de Kansai, no centro do Japão, perto de Osaka, que é outra língua também sabe, eles falam japonês, o japonês é muito rico em idiomas, dialetos também, então é bem interessante sabe.

J. G. S. – Mas você pensa em voltar pro Japão? Ou você já tem alguma coisa planejada?

M. Y. N. – Eu penso, eu to tentando um intercambio agora pelo governo do Brasil sabe, tem um órgão lá de Brasília lá que ele manda pro pessoal daqui (?), pro pessoal que é funcionário público, estuda no Japão... Pra depois trazer o conhecimento do Japão pras prefeituras e municípios do Brasil, tem esse intercambio, então eu me inscrevi nesse intercambio, já passei nas duas, segunda etapa já, e se der certo pretendo ir pra intercambio e futuramente pretendo ir a turismo, levar minha família...

J. G. S. – Interessante... E, mas voltando lá pra época que você chegou no Japão, que você tava enfrentando aquelas dificuldades, que tipo de discriminação que você sofria? Por exemplo? Era algum insulto, era algum olhar, algum gesto... Se quiser resumir pra gente...

M. Y. N. – Eles perguntavam primeiramente se aqui no Brasil usava roupa, se tinha televisão, se dormia na casa de oca, então eles tinham a ideia totalmente que a gente era índio, índio da Amazônia. Eles não sabiam que aqui no Brasil tinha carro, se bem que eu comecei a trabalhar com um monte de idosos, senhores, senhoras, então, é pior sabe, quanto mais antigo a pessoa, mais velha, elas tem mais rancor, mais (?), que já vem de uma segunda guerra, agora os jovens já não era tanto.

J. G. S. – E você, quando chegou no Japão, que tipo de instrução você procurou pra aprender o idioma? Você se matriculou ou foi por conta própria?

M. Y. N. – Eu... Fui por conta, por que eu me sentia muito humilhado sabe, com o japonês tirando sarro na tua cara, falando do lado ali com outra (?), você não poder responder, as vezes você entendia alguma coisinha, por que eu estudei aqui no Brasil né, você entendia alguma coisinha, mas não sabia responder, então ficava entupido aqui, então eu decidi, eu coloquei na minha cabeça que ia dar um jeito de aprender, então eu ligava a televisão, quero aprender, e como eu gostava de gibis né, os mangás, eu morava num alojamento que tinha 80 apartamentos de um lado e 80 de outro, e o lixo dos livros era um dia lá, e desse lado aqui só tinha 20 brasileiros e do outro 150 japoneses, então todo dia do lixo eu pegava aquele monte de revista, de mangá que a turma jogava fora, por que eles liam né, e joga fora, então eu pegava tudo aqueles mangá e ficava no meu quarto, eu lia um por um, começa a ler, só os que tinha a tradução, por que tem o kanji né, que é a letra japonesa lá, e do lado tinha o dialeto que eu sabia né, que é o katakana e hiragana né, que são duas letras diferentes, traduzindo a palavra, então traduzindo a palavra eu ligava com o desenhinho, ah, essa palavra é isso, então já ficava meio que gravado e assim foi, um ano, dois anos assim eu...

J. G. S. – legal, e uma coisa que eu tava esquecendo de perguntar, é o quanto que valia a pena trabalhar no Japão? O salário era muito superior ao que era praticado no Brasil? Era tão vantajoso assim?

M. Y. N. – Olha, tudo dependia do dólar, na época que tava mais ou menos igual aqui no Brasil sabe, ta hoje, ta 3 e alguma (?), sempre ta numa média aí de 3 reais pra cima, até 4 que chegou agora em 2016. E lá o salário tava muito bom, a hora, ta, hoje em dia lá no Japão eles ganham metade do que eu ganhava antigamente. Passando pra reais aqui, eu ganhava em torno de 15 mil, 10 mil a 15 mil reais, guardava.

J. G. S. – Interessante. Então Nitta, eu acho que é isso que eu tinha mais ou menos pra te perguntar, agradeço teu tempo, tua disponibilidade, agradeço também as suas respostas né pro meu trabalho e é isso, te agradecer aqui...

M. Y. N. – Teria um livro pra te contar aqui...

J. G. S. – Sim... Mas obrigado Nitta, até... A gente continua na sequencia, obrigado.

M. Y. N. – Ta ok (?).

**[Fim da gravação]**